

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

ELANXIRLE TEIXEIRA DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE DE LIVRAMENTO: UM
ESTUDO DE CASO**

**RECIFE
2015**

ELANXIRLE TEIXEIRA DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE DE LIVRAMENTO: UM
ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação da UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa Processos de Organização Linguística e Identidade Social, sob a orientação da Professora Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado.

RECIFE

2015

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE DE LIVRAMENTO : UM
ESTUDO DE CASO**

ELANXIRLE TEIXEIRA DA SILVA

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Defesa pública em: Recife, 25 de setembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Roberta Varginha Ramos Caiado - Orientadora

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Prof^a. Dr^a. Renata Fonseca Lima da Fonte - Examinadora Interna

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Teodoro de Mendonça Oliveira - Examinadora Externa

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Este trabalho é dedicado à minha mãe, por todo seu esforço, companheirismo, luta, amor e fé, para que tivéssemos a oportunidade de alçar voos cada vez mais altos, ensinando-nos sempre a tornar as dificuldades menores e os prazeres maiores.

O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.

William Labov

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Dona Maria Aparecida, por todo zelo, amor e encojamento, que só me fazem mais forte e orgulhosa de tê-la como maior referência de vida e de história.

Ao meu irmão Márcio, por todo o carinho e por saber que conto sempre com seu apoio.

Ao meu esposo Leonardo, pelo amor, companheirismo e incentivo de todas as horas.

Aos meus amigos irmãos Junior e Juscélia, pela amizade e apoio logístico em tempos de seleção e entrega de documentos do Mestrado.

À Alexandrina e Magda, pela amizade florescida dentro e fora do curso, por ter tido o prazer de conhecê-las e compartilhar as angústias de todo esse processo.

À minha professora orientadora Roberta Caiado, pela gentileza de me iniciar no conhecimento científico, por toda compreensão, orientação e apoio amplamente prestados.

À Universidade Católica de Pernambuco e ao seu grupo de professores do Mestrado em Ciências da Linguagem, pela oportunidade de estudo e realização desta pesquisa.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se investigar a origem e frequência da variante fonológica, encontrada em algumas palavras na sílaba pré-consonantal, apresentadas no repertório linguístico dos falantes adultos da comunidade do Livramento, Santa Filomena -PE. Para isso foram gravadas, em áudio, a fala de 15 (quinze) informantes adultos da comunidade, em situações de narrativas orais e entrevistas semi-estruturadas, estratificadas segundo as restrições sociais: sexo, idade, escolaridade, nível de exposição fora da comunidade e origem geográfica. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, analisado numa abordagem quantitativa (frequência) e qualitativa (origem, motivação) dos dados coletados, fundamentada nos referenciais de estudos da sociolinguística variacionista sob a perspectiva de Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2005, 2011), Bagno (2007, 2011) e Mollica (2004). Foram computadas duas variantes, sendo a fricativa palatal [ʃ] a que obteve o maior percentual de ocorrências - 68%, e a fricativa glotal [h] apresentando menos ocorrência, com 31%. Os resultados da pesquisa apontaram que a variante fricativa palatal [ʃ], realizada no lugar da fricativa glotal [h], ocorre a partir do condicionamento fonológico na disposição do /t/ posterior a posição de /h/ , a variação é decorrente de restrições sociais, visto que essa variante faz parte do falar piauiense e a comunidade do Livramento faz fronteira com o Piauí. Outros fatores como sexo, idade, exposição e origem geográfica, de acordo com os resultados da pesquisa, favorecem a ocorrência da variante na comunidade de fala. Dos fatores linguísticos analisados, a classe de palavras dos verbos foi a predominante, dentre as variantes analisadas, inferimos que isso aconteceu devido a função da classe de indicar ações, aparecendo com mais frequência na fala espontânea. Os resultados obtidos com a análise dos dados coletados permitiram a ampliação da discussão referente ao comportamento do fenômeno linguístico na fala da comunidade investigada.

PALAVRAS-CHAVES: Comunidade de Fala; Comportamento Linguístico; Variante Fonológica.

ABSTRACT

This research aims to investigate the origin and frequency of phonological variant, found in some words in pre-consonant syllable presented in the language repertoire of adult speakers from the community Livramento, Santa Filomena-PE. For that were recorded in audio, speech fifteen (15) adult informants of the community in situations of oral narrative and semi-structured interviews, stratified according to social restrictions: sex, age, education, level of exposure outside the community and geographical origin. The methodology used was the case study, analyzed on a quantitative approach (frequency) and qualitative (origin, motivation) of the data collected, based on the reference of sociolinguistic studies variationist from the perspective of Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2005, 2011), Bagno (2007, 2011) and Mollica (2004). They were computed two variants, with the palatal fricative [ʃ] the one with the highest percentage of incidents - 68%, and the glottal fricative [h] having less occurrence, with 31%. The survey results showed that the fricative palatal variant [ʃ], held in place of the glottal fricative [h] occurs from the phonological conditioning the provision of / t / posterior position of [h], the variation is due to restrictions social, since this variant is part of the talk Piauí and Livramento community borders Piauí. Other factors such as gender, age, exposure and geographical origin, according to the survey results, favor the occurrence of variation in the speech community. The linguistic factors analyzed, the word class of verbs was predominant among the analyzed variants, we infer that this happened because the function of class actions indicate, appearing more frequently in spontaneous speech. The results obtained from the analysis of the collected data allowed the expansion of the discussion regarding the behavior of the linguistic phenomenon of speech investigated community.

Keywords: *Speech Community; Language Behavior; Phonological Variant.*

LISTA DE QUADROS E IMAGENS

Quadro 1: Perfil e característica dos informantes	52
Figura 1: Localização geográfica do município.....	59
Quadro 2: Codificação das variantes encontradas no <i>corpus</i>	61
Quadro 3: Codificação das restrições sociais.....	62
Quadro 4: codificação das restrições linguísticas	62
Quadro 5: Ocorrência da variação com base no fator sexo.....	66
Quadro 6: Ocorrência de variação com base no fator escolaridade	68
Quadro 7: Ocorrência de knockout no fator idade	69
Quadro 8: Ocorrência de knockout no fator Exposição	70
Quadro 9: Cruzamento dos fatores sociais.....	71
Quadro 10: Ocorrência de variação nos fatores linguísticos.....	72

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALAP - Atlas Linguístico do Amapá

ALERS - Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul

ALIMA - Atlas Linguístico do Maranhão

ALIP - Amostra Linguística do Interior Paulista

ANPOLL - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística

CF - Comunidade de Fala

ESAELP - Estudos Sociolinguísticos Aplicados ao ensino da Língua portuguesa

GEAS - Grupo de Estudos Avançados de Sociolinguística

GELCO - Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste

GELINS - Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade

GEPS - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas e Socio-culturais

GETEGRA - Grupo de Estudos em teoria da Gramática

GIEL - Grupo Interinstitucional de estudos de lingua(gem): usos, contatos e fronteiras

LUAL - Língua Usada em Alagoas

PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua

SOCIOLIN-CE - Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará

VALCO - Variação Linguística no Centro-Oeste

VARISUL - Variação Linguística da Região Sul

UCLA - University of California, Los Angeles

Varbrul –Programa computacional desenvolvido para o trabalho com modelo logístico e estatístico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.LÍNGUA E SOCIEDADE	17
1.1 Heterogeneidade do português brasileiro: um linguajar de semelhanças e diferenças	20
1.2 O surgimento da Sociolinguística	22
1.3 Estudos sociolinguísticos no Brasil: breve Estado da Arte	24
1.4 Sociolinguística variacionista: O que é?	30
1.5 Variação e Mudança Linguística.....	33
1.6 Fatores em níveis estruturais e em níveis de uso social que apresentam variação no português brasileiro	36
1.6.1 Fatores extralinguísticos	38
2.CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA VARIACIONISTA LABOVIANA À LUZ DA IDENTIDADE E ETNICIDADE DOS FALANTES	41
2.1 Entre o Estigma e o Prestígio.....	43
2.2 Constituição da comunidade de fala	46
3. METODOLOGIA	50
3.1 Perfil do Local da Pesquisa.....	57
3.2 A comunidade do Livramento.....	58
3.3 A variável dependente.....	60
3.4 Codificação dos dados	61
3.5 Hipótese de análise.....	62
3.6 Tratamento Computacional: Utilização do Programa GOLDVARB 2001.....	63
4. ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTATÍSTICA DOS DADOS	66
4.1 Fatores Extralinguísticos.....	66
4.2 Cruzamento entre fatores	71
4.3 Análise dos fatores linguísticos.....	72
4.4 Probabilidade de ocorrência da variante [j] nos grupos de fatores	73
4.5 Tópicos da entrevista que mais favoreceram o aparecimento de [j]	74
4.6 Fechando a análise	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXOS	89
APÊNDICE.....	106

INTRODUÇÃO

A sociolinguística, a partir o surgimento do termo em meados dos anos 1960, firmou-se, inicialmente, como área da linguística voltada para a pesquisa da descrição das variações e dos fenômenos em pleno processo de mudança relacionados à língua. Atualmente, expandiu-se ampliando seu interesse para outros aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas. Buscando explicações sobre como os Fenômenos de variação linguística na comunicação refletem e influenciadas relações de poder e desenvolvimento social e cultural.

Partindo do princípio de que a variabilidade linguística é um fenômeno presente em todas as línguas humanas, a sociolinguística tem como objeto de estudo a variação, sendo esta analisada e descrita pelos métodos científicos partindo do pressuposto que seus usos pelos falantes podem ser influenciados por fatores estruturais ou sociais. A investigação das variações linguísticas é essencial para compreender como elas se caracterizam de acordo com as propriedades inerentes à língua, bem como seu *status*-positivo ou negativo - que adquirem entre os membros da comunidade e também se as variantes estão aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência na fala. (MOLLICA e BRAGA, 2012).

Nos últimos anos, as pesquisas de campo na área da sociolinguística vêm abrindo um caminho de novos conhecimentos das dimensões da linguagem humana, os significados sociais são intimamente relacionados aos usos da língua, e conseqüentemente às variações linguísticas. Nesse sentido, nosso trabalho investiga o comportamento da variável fricativa palatal [ʃ] na troca do arqui fonema /r/.

O local onde a pesquisa foi realizada, a comunidade de fala do Livramento, situa-se no município de Santa Filomena, sertão de Pernambuco. O município tem aproximadamente, 13.371 habitantes, dos quais 8.242 pessoas são alfabetizadas. Livramento apresenta, entre alguns de seus falantes adultos e jovens, escolarizados e não escolarizados, o fenômeno da troca do arqui fonema /r/ por [ʃ] em algumas palavras, configurando, assim, a existência de uma variação linguística em nível fonológico neste município.

A origem e causa desta variação podem estar relacionadas à fatores tais como: proximidade de comunidade remanescente quilombola ou outros fatores extralinguísticos - idade, sexo, nível de escolaridade.

A fundamentação teórica que deu suporte a esta pesquisa é respaldada nos pressupostos teóricos de pesquisadores na área da sociolinguística, como William Labov (1972), figura chave que iniciou investigações sobre variações linguísticas nos anos de 1960, tendo como herança epistemológica os estudos prévios sobre o aspecto social da língua realizados pelos pesquisadores Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman. Vale ressaltar entre os pesquisadores brasileiros Stella Maris Bortoni-Ricardo (1985), que é sociolinguista e etnógrafa interessada em análise de redes sociais, contato de variedades com destaque para variedades rurais; Marcos Bagno (1997), pesquisador que atua contra toda forma de exclusão social por meio da linguagem, como também as pesquisadoras Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga (2004) que abordam temas como o tratamento da variação em suas pesquisas.

Segundo Labov (2008, p. 20) existem três problemas que explicam a mudança linguística: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O autor aponta que essas variações podem ser introduzidas por vários processos, como: assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. Sobre a formação da marca identitária e a variação linguística, Bortoni-Ricardo (2014, p. 27) diz que "peculiaridades do sistema fonológico de uma língua funcionam como marcas objetivas de identidade de seus falantes, permitindo que seus interlocutores identifiquem sua origem". Por meio da ocorrência das variações na fala dos sujeitos é possível conhecer suas raízes, o nível de engajamento entre ele e a comunidade, ou ao grupo que deseja pertencer. A valorização da variação linguística passa a ser, muitas vezes, um tipo de medida adotada pelo grupo, que determina se quem a usa é prestigiado ou não de acordo com seu comportamento linguístico. Vários fatores podem tornar uma variação prestigiada ou não, dentre eles a variável adotada pelos grupos que detém o poder e classificam o certo e o errado, o bom e o ruim, de acordo com suas necessidades.

Diante disso, o que se observa é que mesmo com a vasta gama de pesquisas na área da sociolinguística ainda se tem muito a investigar. Considerando as características da comunidade de fala investigada, partimos do pressuposto de que o acesso limitado ao código padrão, decorrente do analfabetismo e do isolamento social e geográfico no Brasil, favorece a preservação de profundas diferenças dialetais (BORTONI-RICARDO, 2011) fato esse que despertou nosso interesse para a presente pesquisa sobre a diferenciação do

comportamento linguístico de membros da comunidade de fala do Livramento, que se enquadra nesse perfil de comunidade rural, considerada de difícil acesso, no município de Santa Filomena, sertão de Pernambuco.

O nosso Objetivo Geral é investigar a origem (fatores linguísticos e extralinguísticos) e a frequência (tendência evolutiva) de uma determinada variante fonológica, na sílaba pré-consonantal, pela comunidade de fala do Livramento - Santa Filomena - PE; e nossos objetivos específicos são: Analisar a origem do uso linguístico descrito; Identificar que tipo(s) de condicionamento(s) fonológico(s) influencia(m) o uso da variante e Investigar a tendência evolutiva (frequência) da variação linguística apresentada no comportamento linguístico dos falantes da comunidade.

Essa variação é classificada em nível fonológico, pois consiste na substituição da fricativa glotal [h], representada ortograficamente por **r**, pela fricativa palatal [ʃ] antes da sílaba pré-consonantal. Segue um exemplo da variável em questão: "porta" por "posta". Como dito anteriormente, frisamos que alguns membros da comunidade fazem uso da variante e outros não. As causas que podem explicar este fenômeno ainda não foram esclarecidas, o que nos leva ao desafio de investigar quais elementos linguísticos ou extralinguísticos influenciam na preservação e uso da variante apresentada.

A partir das questões que sugerem análise e sistematização aprofundada do caso de variação encontrada na comunidade do Livramento, propomo-nos a investigar esse fenômeno de variação linguística, levando em consideração métodos de amostragem e as características do local de pesquisa e da população amostral em experiência comunicativa real para compreender sua importância na construção da marca de identidade social dos falantes (BORTONI-RICARDO, 2011).

Esta pesquisa configura-se como um estudo de caso que teve-se a investigar os aspectos variacionistas de uma comunidade de fala específica. De acordo com Yin (2005, p.32) "O estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos".

A abordagem dos dados relacionados a quantificação do uso da variante foi tratada através de números, gráficos e de dados estatísticos. Sobre o método quantitativo de análise das variações linguísticas, a pesquisadora Bortoni-Ricardo (2007, p. 167) salienta que "Os métodos quantitativos são uma exigência essencial em estudos desse tipo, se queremos evitar análise puramente impressionista e subjetiva dos fenômenos em que estamos interessados". A pesquisa de campo foi conduzida em Livramento, povoado

pertencente ao município de Santa Filomena, sertão de Pernambuco. Foram selecionados quinze informantes adultos, moradores da comunidade, preferencialmente os que nasceram na região ou residem lá desde criança.

Antes de iniciar o trabalho, os participantes foram informados do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco, onde a pesquisadora explicou o passo a passo do trabalho e a importância da participação dos informantes, tirando as dúvidas de todos e deixando-os à vontade para participar ou não da pesquisa, visto não ser de caráter obrigatório.

Depois dos esclarecimentos foram realizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, das narrativas de experiências pessoais dos informantes adultos selecionados, sujeitos desta pesquisa, para possível verificação da origem e frequência da variação em estudo. Para coletarmos esses dados com maior tranquilidade fez-se necessário formular módulos (ou roteiros) de perguntas (TARALLO, 2007 p.22) provocando narrativas de experiência pessoal, o que segundo o autor, possibilita maior conforto ao informante, visto que suas atenções nesse gênero não estão voltadas à forma. Os módulos ou roteiros que foram utilizados nas entrevistas semiestruturadas compõem um questionário experimental (idade, profissão, naturalidade, escolaridade) objetivando comparação e homogeneização dos dados dos informantes.

Partindo do exposto acima, temos a seguinte hipótese para nossas investigações: há uma correlação entre o condicionamento fonológico -de troca da fricativa glotal [h] pela fricativa palatal [ʃ], antes das sílabas pré-consonantais iniciadas por [t] - nos falantes da comunidade do Livramento e os fatores extralinguísticos (origem familiar, idade, gênero, grau de escolarização).

Após a exposição dos objetivos e hipóteses que direcionam nosso trabalho, seguimos com a apresentação dos capítulos que compõem esta dissertação do seguinte modo:

No capítulo 1, abordamos a visão de língua sob o olhar de diversos pesquisadores, e como suas teorias relacionavam língua e sociedade. Em seguida, tratamos da heterogeneidade da língua portuguesa falada no Brasil, mostrando um breve relato da mistura linguística formada pelos diversos povos desde a colonização. Logo após, apresentamos o surgimento da sociolinguística, o conceito de variação linguística e as contribuições de Labov (1974) para os estudos na área. Em seguida, discorreremos sobre primeiros trabalhos em sociolinguística no Brasil que inspiraram outros pesquisadores a desenvolverem diversos estudos sobre o português falado em várias regiões do país.

Apresentamos o aporte teórico da teoria da variação e mudança linguística proposta por Labov, Weinreich e Herzog (1968), que partem da concepção de que a variação linguística está diretamente relacionada à estrutura da língua e aos aspectos sociais. E, finalizando o capítulo, discutimos sobre os conjuntos das principais restrições/fatores que influenciam na variação linguística, alguns de natureza linguística e outros sociais.

Em seguida, no capítulo 2, apresentamos as contribuições da teoria da variação laboviana para a construção da identidade dos indivíduos por meio da fala e, como ocorre a adequação linguística para inserir-se em determinados grupos, discutimos sobre as variantes de prestígio e as estigmatizadas, observando quais questões sociais contribuem para tal distinção. Abordamos, também, as várias concepções de comunidade de fala desenvolvidas desde o início dos estudos em sociolinguística, bem como seus aspectos formadores: sociais, psicológicos e linguísticos.

No capítulo 3, tratamos da metodologia, caracterizamos nosso objeto de pesquisa, bem como a comunidade que serviu de campo, a descrição dos seus aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais. Abordamos o processo de escolha dos informantes, temas das entrevistas e processo de coleta dos dados na comunidade. No mesmo capítulo, informamos sobre a análise quantitativa dos dados por meio do instrumento de análise computacional, o pacote de programas GOLDVARB 2001¹, com a finalidade de retratar as restrições/fatores que interferem na ocorrência da variação linguística.

O capítulo 4 trata da análise dos dados que nos propusemos investigar, a partir da interpretação dos dados que obtivemos, inicialmente, com as gravações da entrevista e, posteriormente, dos dados computacionais coletados a partir delas e, em seguida, as nossas considerações finais.

Desse modo, buscamos contribuir com mais um estudo científico que demonstre através de dados quantitativos e qualitativos a origem e frequência da variação linguística, bem como a importância dessas variações no comportamento linguístico dos falantes, sendo parte constituinte de sua identidade e do sentimento de pertencimento a um determinado grupo de referência e a tendência evolutiva da variação investigada, objetivando contribuir para a ampliação do campo dos estudos variacionistas.

¹ Programa de modelo logístico utilizado para transformar em códigos identificáveis os dados que serão quantificados. (SCHERRE e NARO, 2012).

1. LÍNGUA E SOCIEDADE

Neste capítulo, faremos uma breve revisão de literatura sobre os estudos linguísticos e o caminho percorrido até se chegar à sociolinguística. Começando com a visão de língua sugerida por Saussure, passando por Meillet, Chomsky, Mathesius, Jakobson, Cohen, Bakhtin e Benveniste. Em seguida, faz-se um relato sobre a heterogeneidade da língua portuguesa no Brasil, e, uma abordagem acerca do caminho percorrido desde os estudos iniciados por William Bright até a sociolinguística variacionista defendida por William Labov. Logo após, tratamos, brevemente, sobre o andamento dos estudos sociolinguísticos no Brasil.

A linguística, ciência que tem como foco e objeto de estudo descrição das línguas, durante muito tempo não demonstrou interesse pelos aspectos de natureza social que envolvem a língua, afirma Monteiro (2008). Assim, a linguística do século XX, tendo como molde de estudos o estruturalismo liderado por Saussure, traça os limites entre a língua e os aspectos sociais.

Mesmo Saussure (2003[1916]) reconhecendo a relação harmoniosa entre Língua e sociedade, optou por não considerar a natureza social, naquele momento, seu objeto de estudos linguísticos. Estabeleceu, então, a língua oposta à fala como objeto de análise, constituindo a descrição do sistema formal da língua como papel da linguística.

Dessa forma, Saussure constitui a dicotomia língua (*langue*) e discurso (*parole*), mesmo tendo definido a língua como um fato social, visto ser um sistema convencional aprendido pelos falantes na convivência, em sociedade, e optou por excluir das pesquisas linguísticas os elementos de ordem social, visto seu caráter heterogêneo. Como afirma Monteiro (2008), a homogeneidade da língua passa a ser requisito básico para a descrição. A seguinte citação de Saussure (2003[1916], p. 271) define bem essa afirmativa: "[...] a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma". Assim, o sistema linguístico é estudado partindo de suas próprias estruturas, sem influência de fatores externos.

No entanto, essa dicotomia saussureana gera um paradoxo, por meio do qual questiona-se se a partir de um único indivíduo seria possível investigar o lado social da língua, porém, apenas por meio da interação entre dois ou mais indivíduos se poderia analisar o aspecto individual.

De acordo com Monteiro (2008), outros estudiosos seguiram a linha do estruturalismo ao considerarem a homogeneidade da língua como base para a descrição,

como Bloomfield (1933) e Hjelmslev (1953), deixando à margem da investigação aspectos semânticos do signo e sua função social.

Embora em meados do século XX, o estudo da língua e sociedade não fosse tão promissor como atualmente, os estudiosos tentaram mostrar a relação entre língua e os aspectos sociais, mesmo que suas visões de língua seja destoante da que hoje é difundida, eles tentaram relacionar a língua aos fatos de ordem social. Entre eles citamos:

Antoine Meillet (1906), segundo o qual a língua é vista como uma realidade instituída no social, ela só existe dentro desse aspecto e dele não pode se separar. O autor defendia a história das línguas como sendo intrínseca à história da cultura e da sociedade. Segundo Meillet (1906 apud ALKMIN, 2006, p. 24). "Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam e, em consequência disso, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma".

Bakhtin (1929), afirma que a língua é também um fato social, em razão da sua existência ter como princípio base a necessidade de comunicação. Porém, discordava da linguística saussureana e pós-saussureana. Refutando a ideia da língua como um objeto abstrato ideal. Para Bakhtin (1929 apud WEEDWOOD, 2002, p. 152), " A língua não reside na mente do falante, nem é um sistema abstrato que paira acima das condições sociais. A língua é um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, é uma atividade social, é enunciação.". Nessa linha, Bakhtin entende que a natureza da língua é, essencialmente dialógica, refletindo na própria estrutura.

Diferentemente desses estudiosos mencionados, Mathesius (1911), grande inspirador da Escola de Praga, lança a proposta pioneira de estudar a variabilidade sistêmica através de uma concepção multiestratificada da língua. O autor defendia que a variabilidade é inerente aos fenômenos linguísticos, argumentando que os linguistas tinham esquecido que a homogeneidade da língua não é uma qualidade real dos fenômenos examinados (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006).

Inspirados nos estudos de Mathesius (1911), um grupo amplo de pesquisadores formou a Escola de Praga. De acordo com Weedwood (2002, p. 138):

O aspecto mais característico da Escola de Praga é sua combinação de estruturalismo com funcionalismo. Este último termo (tal como "estruturalismo") tem sido usado numa variedade de sentidos na linguística. Aqui ele deve ser entendido como implicando uma apreciação da diversidade de funções desempenhadas pela língua e um reconhecimento teórico de que a estrutura das línguas é, em grande parte, determinada por suas funções características. O funcionalismo, tomado

neste sentido, se manifesta em muitos postulados mais específicos da doutrina da Escola de Praga.

Por meio da influência dos estudos desenvolvidos pela Escola de Praga, Karl Bühler desenvolveu a análise funcional da linguagem, que reconheceu os três tipos gerais das funções desempenhadas pela língua(gem): função cognitiva, função conativa e função expressiva.

A Escola de Praga é conhecida, sobretudo, pelo seu trabalho em fonologia, como os traços distintivos da fonologia desenvolvidos por Jakobson (1960), que ao tratar de linguagem afirmou ser os aspectos funcionais identificados, como fatores constitutivos de todo o ato de comunicação verbal, são eles: o remetente, a mensagem, o destinatário, o contexto, o canal e o código. Jakobson discordava de Saussure quanto ao princípio da homogeneidade do código linguístico afirmando que "não passa de uma ficção desconcertante" (ALKMIN, 2006, p. 25), tendo em vista que todo código é multiforme e possui uma grande variação de subcódigos de acesso e livre escolha pelos falantes.

No entanto, Chomsky (1965), em sua teoria do Gerativismo, traz o conceito de língua como um sistema de princípios radicados na mente humana, sendo esta, predisposta à aprendizagem da linguagem. Segundo Monteiro(2008, p. 15), Chomsky "admite a homogeneidade linguística e exclui a reflexão sobre os conteúdos sociais". O objeto de sua teoria é baseado na competência linguística de um falante-ouvinte ideal, inserido em uma comunidade linguística totalmente homogênea.

Assim, foram necessárias algumas décadas de estudos, até que os linguistas optassem por incorporar, efetivamente, os aspectos de ordem social nas descrições da língua. E, entre os estudiosos que mais se aproximaram da visão de língua tomada pelos sociolinguistas está Marcel Cohen (1956 apud ALKIMIN 2006, p. 26), afirmando que "os fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais". O autor defendia que os estudos dos aspectos da língua - internos e externos - deveriam ser investigados separadamente, adotando as relações de língua e sociedade, partindo dos fatores externos. Os seus estudos possibilitaram, também, uma abordagem sociológica da linguagem, a partir dos estudos das relações entre as camadas sociais e as variedades de linguagem.

Por fim, o linguista Benveniste (1963) afirma que "É dentro da, e pela língua, que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente" (2005, p. 27). O autor defende que língua e sociedade não se separam e, uma não existe sem a outra.

Como já é sabido, língua e sociedade se relacionam de tal forma, que é impossível imaginar a existência de uma sem a outra, assim, "a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte", segundo propõe Monteiro (2008, p.13).

Portanto, a língua torna-se o eixo principal da relação entre cultura, sociedade e humanidade, um bem comum, possibilitando ao homem o maravilhoso feito da comunicação, da expressão de seus pensamentos, analisando e refletindo por meio da língua tudo que provoca interesse. Segundo Labov (1972[2008], p.36), os usuários da língua são falantes únicos, com características próprias que muitas vezes causam mudanças significativas na língua utilizada e, conseqüentemente, no grupo ao qual pertencem.

Diante dessas constatações, o que se espera é que a heterogeneidade da língua seja vista com positividade, como algo natural de qualquer língua viva e em pleno uso pelos falantes, e que os próprios falantes conheçam e respeitem outras formas em que a língua se apresenta.

Em seguida, tratamos da heterogeneidade do português brasileiro, abordando os aspectos que o tornam uma língua tão diferente nas diversas regiões do país.

1.1 Heterogeneidade do português brasileiro: um linguajar de semelhanças e diferenças

O processo de formação do Português brasileiro sofreu inúmeras influências, visto que o Brasil passou pelo processo de colonização, com a chegada oficialmente dos europeus em 1500. Inicialmente, a língua adotada pelos colonizadores para a comunicação com os nativos foi uma língua geral, dos grupos indígenas Tupinambá, sendo aderida pelos portugueses para o contato inicial. Os jesuítas adotaram essa língua para dar início à catequização dos índios. Nesse período, no Brasil, predominou o bilinguismo, com a língua geral dominante, o português clássico² dos colonizadores e outras variedades ou *pidgins*³ do português falado, essencialmente³, pelos nativos e filhos de colonizadores bilingües.

² O Português Clássico é o período denominado por alguns autores para classificar as mudanças ocorridas no léxico e na sintaxe, deixando-o mais parecido com o que conhecemos hoje. Por meio dos documentos da literatura da época é possível notar mudanças significativas, como o acréscimo da marca de gênero por exemplo, que antes não existia no período arcaico.

³ De acordo com Bortoni-Ricardo, (2014, p.29) O termo *pidgins* é derivado da palavra *business*, denota uma língua de emergência desenvolvida para propiciar o contato entre estrangeiros, mais apropriadamente entre

Posteriormente, com a chegada dos escravos africanos houve um considerável avanço no processo de pidginização, visto que nas vilas no interior do país estavam em convívio direto: portugueses, índios convertidos ao cristianismo e africanos. Com isso, a língua geral se enfraquecia à medida em que os *pidgins* aumentavam gradualmente. Durante os séculos XI e XII, com o crescimento dos engenhos no nordeste, seguido do "ciclo do ouro" e "ciclo do gado" no interior do Brasil, houve um interesse maior pela colônia e a transferência populacional de falantes europeus para essas áreas, o que acabou freando o desenvolvimento das variedades frequentes como *pidgins* e crioulo, dado a presença da elite portando o português europeu. A única forma de um *pidgin* não desaparecer, é tornando-se uma língua crioula, ou seja, ter um aumento em seu vocabulário sendo adotado como língua materna por uma dada comunidade. Há vários registros de crioulos de base portuguesa pelo mundo afora, como em Cabo Verde, Guiné-Bissau e Casamansa (BORTONI-RICARDO, 2011).

Mais tarde, no século XIX, outro grande deslocamento de população ocorre, tendo em vista a evolução urbana do Rio de Janeiro e São Paulo e ao desenvolvimento agro-exportador. Isso influenciou, diretamente, o surgimento de variedades da língua falada. Dentre essas variedades o dialeto caipira preserva marcas do processo de fonologização presente nos estágios formadores da nação, bem como os traços arcaicos do português (BORTONI-RICARDO, 2011).

Com os povos que formaram a língua portuguesa do Brasil, surgiram as peculiaridades fonológicas, dando origem a diversos sotaques e dialetos que funcionam como um elemento de identidade dos falantes, fazendo com que se reconheçam enquanto membros de um grupo ou origem identitária. Quanto às diferenças regionais Bortoni-Ricardo (2011, p. 33) salienta que:

Profundas diferenças regionais são, sem dúvida, uma importante característica do Brasil contemporâneo. Não obstante, a industrialização provocou uma tendência predominante para a urbanização em todo o país nas últimas décadas. Tal tendência pode ser definida como um conjunto complexo de mudanças que inclui a introdução da tecnologia no interior, o êxodo em massa de áreas rurais, a difusão da mídia, a melhoria nos meios de transporte e uma relativa integração das comunidades interioranas à sociedade nacional.

No decorrer desse processo, avistamos o processo de mudança e adequação linguística. A influência do processo de urbanização trouxe à tona a vasta gama de

colonizadores europeus - ingleses, franceses, portugueses, espanhóis e holandeses - e as populações aborígenes nos territórios por eles colonizados.

variações existentes, bem como a adequação linguística por parte dos falantes que desejavam se enquadrar num padrão estipulado pela elite. Porém, não existe uma língua uniforme e homogênea, Bagno (2013, p. 27) salienta que "a ciência linguística moderna já provou e comprovou que o monolinguismo é uma ficção. Toda língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea", ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e em todos os seus níveis de uso social. Não podemos encarar as variedades como não natural à língua, ou como um caos incompreensível, muito menos julgar quem faz uso dessas variações como um criminoso, um viciado ou tratá-los com inferioridade. As variações apresentam sistematização e acontecem num contexto social determinado que as explica, sendo apenas formas diferentes de comunicação por meio de uma mesma língua.

A seguir, abordamos o nascimento da ciência sociolinguística, que tem como objeto de estudo as variações da língua e sua relação com elementos de ordem social.

1.2 O surgimento da Sociolinguística

A sociolinguística é uma área de estudo, dentro da linguística, responsável pela investigação da relação entre língua e sociedade. Esses estudos linguísticos foram de interesse de muitos pesquisadores que já consideravam o estudo da língua interligado ao contexto social. Entre esses, os pesquisadores já citados Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson.

No entanto, o termo só foi fixado e utilizado amplamente a partir de 1964, proposto por William Bright, pesquisador da relação entre língua e sociedade, na Universidade da Califórnia, em *Los Angeles* (UCLA), na Conferência de *Lake Arrowhead* em um congresso, tendo a participação também de pesquisadores ícones dos estudos relacionados à língua e sociedade como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona. De acordo com Calvet (2002), a partir desse momento, delimita-se o objeto de estudo da sociolinguística: a diversidade linguística.

A partir dos estudos de Bright (1968), passa-se a relacionar as variedades nas atitudes linguísticas dos falantes às diversas estruturas de organização da sociedade em que os falantes estão inseridos. No final dos anos sessenta e início dos setenta, Bright publica a obra "*Sociolinguistics*", onde delimita e define a nova área de estudo (ALKMIM, 2006). O autor prepara um guia para atividades de pesquisa na área considerando vários

elementos sociais que possivelmente contribuiriam para a origem da diversidade linguística, entre elas estão:

- a) Identidade social do emissor ou do falante – estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
- b) Identidade social do receptor ou ouvinte – estudo das formas de tratamento (*baby talk*, por exemplo, fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês);
- c) Contexto social – estudo das diferenças entre a forma e função dos estilos formal e informal existentes na grande maioria das línguas;
- d) O julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas.

No entanto, para Bright (1968), a sociolinguística ainda era submissa à linguística, ou à sociologia e à antropologia, mas já previa um rápido desenvolvimento da nova área de estudo.

Os estudos sociolinguísticos também são encontrados em trabalhos dos pesquisadores Franz Boas, Edward Sapir, Benjamin L. Whorf e Dell Hymes. Sendo o último, o pioneiro em pesquisas sobre a etnografia da fala, na qual o enfoque vai além da atitude linguística no contexto social, passando a observar, também, o processo de organização típicas da sociedade por meio da análise da fala dos membros da comunidade.

A partir da fixação definitiva do termo sociolinguística, em 1964, William Labov trouxe para o campo de pesquisas um molde de descrição e interpretação dos fenômenos linguísticos no contexto social de comunidades urbanas investigadas por ele, ficando amplamente conhecido como sociolinguística variacionista ou teoria da variação. A variação Linguística pode ser entendida como o uso de um elemento linguístico substituindo um outro, não havendo com isso perda semântica.

Já o termo variável pode significar tanto os fenômenos em variação como grupos de fatores (internos ou externos à língua), esses consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis. No texto, Labov utiliza este termo como fenômeno variável, que se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes (MOLLICA, BRAGA, 2012). Por esta razão uma variável pode, também, ser chamada de variante, ou seja, cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa.

De acordo com Bagno (2007, p.46), as variações sociolinguísticas são classificadas da seguinte forma:

- i. Variação diatópica - também conhecida como geográfica, é verificada na comparação entre as maneiras de falar de lugares diferentes, como zona rural e zona urbana dentro de um país com falantes da mesma língua.
- ii. Variação diastrática - é verificada por meio da comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais, culturais ou níveis de escolaridade.
- iii. Variação diamésica - comporta as diferenças entre as modalidades da língua (falada e escrita), para a análise dessa variação faz-se necessário o conceito de gênero textual.
- iv. Variação diafásica - caracteriza-se pelo uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento do comportamento verbal em determinada situação, é conhecida também como variação estilística.
- v. Variação diacrônica - é verificada na comparação entre etapas diferentes da história de uma língua. São analisadas as mudanças de cada época, e geraram muito interesse para os linguistas em razão das línguas mudarem com o tempo.

Diante desta classificação de variações sociolinguísticas, torna-se possível a investigação de vários fenômenos linguísticos. Dessa forma, Labov (1972) deu uma imensa contribuição à sociolinguística, ao trabalhar com situações contemporâneas e concretas, estudando a língua em seu contexto social, ele relutou alguns anos até utilizar o nome sociolinguística, visto que poderia implicar em haver teoria ou prática linguística que não fosse social, bastando, até então, para ele, apenas, linguística.

Partindo desta teoria - a qual abordaremos mais adiante - Labov (1972) destaca o papel fundamental dos fatores (restrições) de natureza social para explicar a variação linguística. As pesquisas sociolinguísticas são desenvolvidas por meio de dados coletados através de entrevistas e amostragens, tendo como objeto de análise a língua falada que deve ser observada e analisada em seus contextos de falas reais.

Em seguida tratamos da expansão dos estudos na área da sociolinguística no Brasil, e os principais grupos de estudos distribuídos por regiões.

1.3 Estudos sociolinguísticos no Brasil: breve Estado da Arte

Estudos interessados na relação língua e sociedade, no Brasil, iniciaram na década de 60, praticamente quando iniciaram as pesquisas linguísticas, tomando como base a distinção entre o português aqui falado e o europeu, além das contribuições indígenas e africanas no uso da língua. Inicialmente, os primeiros estudos consistiam em realizar um perfil do falante, ou como estes diziam a mesma coisa de formas diferentes. Estas pesquisas possibilitaram o desenvolvimento do conhecimento sobre os aspectos diatópico

e diastrático da multidialeção, entendidos, segundo Ilari e Basso (2009, p. 157-158) como "diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países e, variação diastrática sendo o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população". Esses estudos permitiram, também, a sistematização dos usos linguísticos, mudança e variação no português brasileiro.

No Brasil, os primeiros autores e trabalhos relacionados ao tema foram Amadeu Amaral (1920), com o trabalho intitulado "*O Dialeto Caipira*", no qual o autor estuda a fala do morador do interior, o linguajar do caipira paulista no interior do Vale do Paraíba, analisando as formas do repertório linguístico utilizadas. Também o autor Clóvis Monteiro (1933) com a obra "*A linguagem dos Cantadores*", importante estudo de cerca de 1.600 itens em formato de vocabulário organizado e agrupado de acordo com a procedência em torno dos usos característicos do português falado no nordeste brasileiro, além dos traços fonéticos, morfológicos e sintáticos analisados nos textos. Continuando os estudos sobre os falares nordestinos, o trabalho de Mário Marroquim (1945) na obra "*A Língua do Nordeste*" sendo um dos primeiros a serem publicados sobre a região, trata dos costumes linguísticos focando em aspectos específicos da fonologia, estilística, léxico e sintaxe, constituindo, também, um registro importante da arte, cultura e ciências regionais, características da região nordestina e, antes, pouco documentada.

O autor Antenor Nascentes (1953) que dentre tantas obras destacamos "*O Linguajar Carioca*", na qual estabelece uma divisão linguística no Brasil, o que possibilitou a perspectiva de um posterior atlas linguístico do país e confirmação de sua teoria através dos dados geolinguísticos atuais, auxiliando outros autores com o mesmo intuito e desejo de desvendar e analisar traços da língua falada no Brasil.

Essas pesquisas atraíram a atenção de diversos pesquisadores e grupos de pesquisa interessados nesses fenômenos pouco desmistificados, a heterogeneidade e mudança linguística passam a ser investigadas sob a perspectiva variacionista, buscando desvendar os aspectos da língua em contexto social, contribuindo para o conhecimento do perfil da fala dos brasileiros.

Entre os autores que contribuíram com seus trabalhos sobre os usos da língua e variação, destacamos *A gramática do português falado* (CASTILHO, 1990), *Vestígios de dialetos crioulos em comunidades afrodescendentes* (BAXTER & LUCCHESI, 1997), o PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, coordenado inicialmente pelo professor Anthony Naro (1996), que reúne em torno dele vários pesquisadores

interessados em sociolinguística, variação e uso linguístico, tais como: Christina Abreu Gomes, Cláudia Roncarati de Souza, Helena Gryner, Maria Cecília Mollica, Maria da Conceição de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Maria Luiza Braga, Maria Marta Pereira Scherre, Nelize Pires de Omena e Vera Lúcia P. Pereira da Silva. Nesse projeto, os pesquisadores buscaram distinguir o *status* de diferentes tipos de fenômenos variáveis (variação estável, mudança de longa duração ou mudança em progresso).

Também constitui-se de extrema importância para o encaminhamento da pesquisa sociolinguística brasileira, o grupo liderado por Fernando Tarallo, trazendo discussões sobre teoria e método acerca do objeto de estudo variação na língua falada. O autor publicou obras que possibilitam uma visão nítida do passo a passo da metodologia da pesquisa em sociolinguística, sanando dúvidas frequentes dos pesquisadores da área de estudo. Esses grupos citados por Paiva e Scherre (1999) se fortaleceram pelo grande número de pesquisas variacionistas e não variacionistas realizadas, ampliando nossa compreensão sobre os fatores linguísticos e sociais que contribuem para a variação e mudança linguística, bem como sistematizando o universo da língua falada.

A partir desses trabalhos, dos anos 2000 até a atualidade, surgem diversos grupos de pesquisadores interessados em variação e mudança linguística. Apontamos alguns deles que com sua contribuição valiosa enriquecem e desenvolvem os conhecimentos sobre variação linguística no Brasil e, em seguida, destacamos os principais grupos de pesquisa por região e seus objetivos com o estudo.

Entre os mais conhecidos estão o VARSUL, *Variação Linguística Urbana da Região Sul* (FERNANDES, 1996) que tem como objetivo descrever o português falado e escrito no sul do Brasil; o VALPB - *Variação Linguística no estado da Paraíba* (HORA, 1998), o grupo realiza pesquisas sobre o português falado na Paraíba, tendo como objetivo traçar um perfil linguístico dos falantes nos níveis fonético-fonológico e gramatical, analisando quais fatores linguísticos e extralinguísticos interferem nos fenômenos de variação estudados; o LUAL - *A Língua usada em Alagoas* (MOURA, 1997), enfoca estudos sobre variação e usos da língua em Alagoas.

Entre os projetos de estudos nessa área estão: o *Dialetos Sociais Cearenses* (ARAGÃO & SOARES, 1996), que propõe o projeto de elaboração de um atlas linguístico dos falares locais. E o *Projeto de estudo da Confluência da nova capital brasileira* (BORTONI-RICARDO, 1994), que analisa os usos da língua e sua relação com fatores estruturais, tais como: migração de massas do campo para as cidades, conexões de rede de relações sociais e mudança linguística em Brasília. O Projeto ALIMA, que tem como

proposta o *Atlas Linguístico do Maranhão*, focalizando a descrição da realidade do português falado no Maranhão, identificando fenômenos fonéticos, prosódicos, morfológicos, lexicais e semânticos que caracterizam ou definem a unidade linguística do estado. Em Pernambuco não há, por enquanto, nenhum registro de atlas linguístico ou mapeamento de falares, porém há a contribuição de Fred Navarro, com o *Dicionário do Nordeste* (2004) e outras obras similares.

Na região Sudeste, encontram-se o maior número de grupos atuantes, cerca de vinte (20), entre eles o GIEL - *Grupo Interinstitucional de estudos de lingua(gem): usos, contatos e fronteiras*, interessado em trabalhos voltados para descrição linguística, gramaticalização e variação e mudança, identidade, representação e política linguística. Na região surge também o ESAELP- *Estudos Sociolinguísticos Aplicados ao ensino da Língua portuguesa*, o qual reúne pesquisadores da UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - que investigam fenômenos sintáticos em três variedades do português: brasileira, europeia e moçambicana, detectadas na fala ou na escrita, utilizando, para isso, o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista associado, por um lado, à teoria linguística de Princípios e Parâmetros, de base gerativa, por outro, ao Funcionalismo Linguístico. A partir dos resultados das pesquisas, o grupo produz textos de apoio que servem para o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental e médio, assim, o grupo conta com duas linhas de pesquisa: a) Variação, morfossintaxe e ensino; b) Variação, Funcionalismo e ensino. Outro grupo da região é o ALIP- *Amostra Linguística do Interior Paulista* que constituiu-se no interior do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) do IBILCE/UNESP, no período de 2002 e 2003, os membros do grupo estavam interessados em trabalhos de descrição do português falado e escrito. O objetivo do projeto foi constituir um banco de dados com amostras de fala sistematicamente controladas por variáveis sociais, e representativas, portanto, do dialeto falado no interior paulista.

No Sul, sete (7) grupos entre eles o VARSUL- *Variação Linguística da Região Sul* - uma iniciativa concebida em 1988, para atender os objetivos básicos de oferecer: subsídios para a descrição do português falado no país; condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; condições para formação de novos pesquisadores; subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas. As coletas de dados foram feitas, inicialmente, no Rio Grande do Sul, e, posteriormente, nos demais estados. Atualmente, o banco de dados vem sendo ampliado constantemente com novas amostras de fala. Com outros interesses surge o ALERS- *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul*, criado para estudar a variação

linguística do português falado no sul do Brasil. Trata-se de um projeto na área de geolinguística que tem como objetivo apresentar, sob a forma de um atlas linguístico, as mais significativas variantes diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) da língua portuguesa falada pelas classes de menor escolaridade no sul do Brasil.

No nordeste, há cerca de oito (8) grupos de pesquisa, e o Projeto Vertentes, atuante e consolidado na Bahia, desenvolvido pelos pesquisadores da UFBA - Universidade Federal da Bahia - com o intuito de avançar no conhecimento acerca da realidade sociolinguística do português popular do Estado da Bahia, em razão de sua formação sócio-histórica, desenvolvendo ações como: 1) constituição em meio digital de acervos de fala das diversas variedades da língua popular do interior do estado da Bahia e de sua capital, a cidade de Salvador; 2) transcrição ortográfica dessas amostras de fala; 3) elaboração de análises coordenadas de aspectos relevantes da morfossintaxe nessas diversas variedades do português popular; o objetivo do Grupo é constituir um panorama sociolinguístico do português popular do Estado da Bahia, integrando, no plano linguístico, a diversidade étnica da sociedade brasileira.

Outro grupo destaque é o GELINS - *Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade*, que se constitui de prática de pesquisa linguística no agreste central sergipano com as seguintes linhas de atuação: investigação dos fenômenos da linguagem; formação de recursos humanos; e constituição de banco de dados linguísticos. O grupo analisa os processos de variação e mudança linguística envolvendo formas verbais relacionadas à expressão do tempo passado, em uma abordagem que articula pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico de orientação norte-americana. O interesse pelo estudo da sociolinguística surge, também, no Ceará, o SOCIOLIN-CE - *Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará* - atuante e consolidado no Estado, objetiva o desenvolvimento de pesquisas sobre: 1) variação linguística e mudança linguística, com base na Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Quantitativa; 2) ensino de língua materna e estrangeira, na perspectiva da Sociolinguística Aplicada; e 3) descrição e análise linguísticas, a partir da correlação entre Sociolinguística e Funcionalismo, sob a perspectiva Sociofuncionalista.

Entre os grupos de maior destaque na Região Nordeste está o Grupo de Estudos em Fonologia que surgiu na UFPB - Universidade Federal da Paraíba - com a intenção de desenvolver um banco de dados em fonologia, no que diz respeito à aquisição, à variação e aos desvios. Visa desenvolver descrições e análises de dados do dialeto nordestino, visto que há poucos bancos de dados e poucas descrições acerca desse dialeto, aos padrões de

aquisição fonológica e à investigação da variação na aquisição. Um dos pesquisadores responsáveis pelo grupo é Dermeval da Hora Oliveira.

A região Norte possui sete (7) grupos entre eles GEPS - *Grupo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas e Socioculturais*, uma iniciativa que parte de eixos condutores (língua(gem), cultura e educação) e divide-se em linhas de pesquisas para alcançar a identidade-sócio-linguístico-cultural de comunidades imigrantes, migrantes, indígenas, afro-descendentes, povos da floresta, povos ribeirinhos e comunidades sócio-minoritárias na Amazônia. O grupo tem como objetivo investigar as marcas sociais, linguísticas, educacionais e culturais dos povos amazônicos/amazônidas bem como a relação da variação dialetal da língua portuguesa em contato com outras línguas e dialetos existentes e usados nas comunidades investigadas. Encontra-se, também, o grupo ALAP- *Atlas Linguístico do Amapá* - cujo o objetivo inicial é evidenciar as variedades da língua portuguesa faladas no Amapá, partindo de fatores como idade, escolarização e sexo, detectando as possíveis variáveis de sexo, idade e escolaridade que podem vir a influenciar os diferentes usos na comunidade. Posteriormente, o grupo pretende realizar a descrição do falar amapaense elaborando o atlas linguístico do Amapá.

No Centro-Oeste quatro (4) grupos se destacam nas pesquisas: VALCO - *Variação Linguística no Centro-Oeste* - com o intuito de criar um banco de dados linguísticos da região Centro-Oeste, assim como os grupos VARSUL, na região sul e o VALPB, na Paraíba, o projeto VALCO reuniu um grupo de professores e estudantes de pós-graduação da Universidade de Brasília ligados à área de pesquisa da Sociolinguística Variacionista, tendo como objetivo: (1) identificar, documentar e caracterizar uma variedade linguística própria do Distrito Federal, dentro do cenário linguístico nacional; (2) organizar um banco de dados *on-line* de amostras de língua falada já coletadas por pesquisadores envolvidos em projetos de pesquisa sociolinguística, além da UnB - Universidade de Brasília, as universidades de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul participam.

Outro importante grupo é o GEAS - *Grupo de Estudos Avançados de Sociolinguística* - da UNB - Universidade de Brasília, que surgiu a partir do primeiro encontro de jovens pesquisadores, orientados pela prof.^a Dr.^a Marta Scherre, para discussão sobre pesquisas em andamento na área da sociolinguística. O encontro foi chamado de I GEAS, e a partir dele, outros encontros foram realizados como forma de divulgação de pesquisas, palestras, comunicações e novidades tecnológicas utilizadas pelos pesquisadores no tratamento de dados estatísticos.

Entre os principais grupos está, também, o GELCO - *Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste* - que agrupa professores, pesquisadores e alunos de Linguística, Literatura e Línguas, integrados às instituições de ensino e pesquisa sediadas na região Centro-Oeste, assim como outros profissionais das diversas áreas de estudos da linguagem, a fim de fomentar discussões sobre o desenvolvimento da pesquisa e do ensino dessas áreas no Brasil. As discussões e resultados das pesquisas são apresentadas oficialmente em um encontro anual.

Como visto, grupos pioneiros traçaram caminhos que hoje levam outros grupos e pesquisadores interessados na área da sociolinguística a desvendar os falares e dialetos das regiões do Brasil, comprovando a heterogeneidade em relação às peculiaridades da língua falada em cada região. E essa heterogeneidade encontrada na vastidão desse país, deve-se às diferenças dentro das comunidades tais como: faixa etária da população, nível de renda, escolarização, grupos étnicos e sexo. Esses fatores sociais são analisados pelos grupos de pesquisa que trabalham com a sociolinguística variacionista, atualmente, buscando resultados que aprofundem o conhecimento sobre a relação da língua e sociedade além das estruturas linguísticas.

A seguir, abordaremos o modelo de investigação dos fenômenos linguísticos em face aos aspectos externos (sociais), mostraremos as contribuições de Labov para o crescimento da sociolinguística através dos estudos embasados pela teoria da variação.

1.4 Sociolinguística variacionista: O que é?

Para os sociolinguistas, a língua é vista como um sistema diferenciado, apresenta um modelo caracterizado pela heterogeneidade ordenada, contrapondo as teorias que defendiam uma estrutura homogênea da língua. Por meio dessa heterogeneidade, torna-se possível a distinção dos grupos e o desenho das diferenças sociais e econômicas na comunidade de fala. Weinreich, Labov e Herzog (1968[2012], p. 34), afirmam:

[...] sugerimos que o modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século.

A partir da descrição da concepção de língua adotada pelos sociolinguistas, e discordando de Saussure, Chomsky e outros pesquisadores que defendiam uma visão de

língua homogênea, Labov acredita que a melhor forma de seguir as investigações no campo da linguística seria através do estudo empírico das comunidades de fala.

Labov (1974) defende a variação linguística como maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, sem que essa nova forma linguística alternativa perca o significado referencial. Nesse sentido, "a heterogeneidade ordenada é definida como uma realidade inerente às línguas e não como um fenômeno marginal" (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968[2012], p. 29). Como exemplo pode-se observar a ausência do /r/ em formas infinitivas dos verbos como em /falá/ e /comê/, essas formas não alteram o significado do referente, caracterizando uma variante em nível fonológico. O autor enfatiza que seria impossível em uma comunidade de fala, a extinção de variantes de uma mesma variável. No entanto, Labov esclarece que só é possível seguir em frente com trabalhos sobre variação e mudança linguística quebrando paradigmas acerca da homogeneidade do objeto linguístico. Assim, Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2012], p. 36) defendem que:

A solução, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade com homogeneidade. A chave para uma concepção racional da mudança linguística - e mais, da própria língua - é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. Argumentaremos que o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem haver com multidialetalismo nem com o "mero" desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa, a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.

Labov propõe, que a partir dessa perspectiva, o estudo da variação e mudança linguística tenha por base a vida social da comunidade, relacionando aspectos linguísticos variáveis aos sociais.

Seguindo esse propósito, Labov (1964) desenvolveu a Teoria da Variação Linguística, por meio de pesquisas de campo e interação com os falantes/informantes, que tem pressupostos teóricos-metodológicos embasados na relação entre língua e sociedade; análise de dados linguísticos de regras variáveis relacionados aos fatores linguísticos e extralinguísticos, e a diminuição de preconceitos estabelecidos na sociedade. O objeto de estudo é a variação e mudança da língua na comunidade de fala, onde as pesquisas se dão no contexto social dos falantes em situações de fala espontânea.

Entre as contribuições de Labov estão as discussões sobre o fenômeno de mudança fonética na fala dos moradores da Ilha de *Martha's Vineyard, Massachusetts*, nos Estados

Unidos, orientado pelo professor Uriel Weinreich. Nesse estudo, Labov enfatizou a importância dos fatores sociais para explicar as variações encontradas. Ficando clara a relação existente entre idade, sexo, ocupação e classe social ao comportamento linguístico adotado pelos falantes da ilha. Labov (1964) estudou a frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ em palavras como *right*, *white*, *pride*, *wine* ou *wife* e do ditongo /aw/ em palavras como *house*, *out*, *doubt* etc, em toda a ilha (baixa e alta) levando em consideração faixa etária, grupos profissionais (pescadores, agricultores, outros) e étnicos (ingleses, portugueses, índios) que ali viviam para, a partir desses dados, reconstruir a história recente dessa mudança linguística, relacionando-a com as diferenças na estrutura social, provando que os fatores sociais incidem sobre o processo linguístico. O desenvolvimento desse e de outros estudos solidificaram a Teoria da Variação.

Em 1966, Labov investigou o inglês falado em Nova York, especialmente as formas de pronúncia do /r/ pós vocálico. As formas analisadas foram a presença de /r/ e sua ausência [Ø] em contextos fonológicos idênticos. Nas análises, Labov comprovou o apagamento do [r] em posição final de palavras, como em *car*, os resultados obtidos na pesquisa demonstraram que esse apagamento de [r], era visto como estigmatização social. Como conclusão da pesquisa, o sociolinguista afirma que quanto mais se usava o [r], mais status tinha o falante, ou seja, sua presença na fala representava a variante de maior prestígio social (TARALLO, 2007).

Nesses trabalhos, o autor nos leva a pensar sobre o condicionamento social da língua e até que ponto os valores sociais podem ter efeito sobre a língua; como exemplo desses condicionamentos, está o ambiente social, que pode causar algum tipo de influência da escolha do vocabulário dos falantes. É o que confirma Labov (1968):

A variação no comportamento linguístico em si mesma não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades de vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento linguístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante.

Um exemplo que ilustra o condicionamento social sob o comportamento linguístico, são os casos em que o falante, ao ser promovido ou mudar de emprego, tem a necessidade de adequar seu repertório linguístico às novas condições sociais. O condicionamento social das línguas está, portanto, relacionado aos fenômenos de variação e mudança linguística (que serão aprofundados mais à frente neste trabalho).

Labov explica que essas variações podem ser introduzidas por vários processos, como: assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação,

variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. Assim, podemos compreender que o comportamento social e cultural de uma comunidade (povo) também pode modificar a estrutura da língua, de um lado os falantes se baseiam nos significados individuais, ou seja, na própria fala, heterogênea e distinta dos outros membros e, por outro lado, enraizados aos aspectos sociais de como a língua é utilizada pelo grupo social. Essa amarração torna-se perfeita, visto que tanto a língua quanto a sociedade transformam-se mutuamente de acordo com as necessidades dos indivíduos.

As pesquisas labovianas não tinham como interesse criar uma teoria de fala, ou mesmo descrever os usos da língua como único propósito, mas estudar seus usos em relação à estrutura linguística em consonância com os fatores sociais.

A partir da Teoria da Variação, tornou-se possível compreender fenômenos como a estratificação social do inglês negro em comunidades de Nova Iorque, por exemplo, passando a analisar os fenômenos linguísticos usados no meio urbano e ampliando o objetivo inicial de verificação das variáveis no âmbito fonológico. Os estudos constataram a correlação entre a estratificação social e os usos linguísticos diferenciados utilizados pelos falantes.

Portanto, para a sociolinguística, variação linguística é inerente à língua, a diversidade e a variabilidade são, muitas vezes, indícios de uma mudança linguística em progresso.

Em seguida, discutiremos como ocorre o processo de variação e mudança linguística.

1.5 Variação e Mudança Linguística

A mudança linguística ocorre quando um entre vários traços característicos da variação na fala se espalha por meio de um subgrupo específico na comunidade de fala, fazendo com que este traço, agora utilizado com mais frequência, assumam uma significação social.

Para Labov (2011, p.194), os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são um conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes. Assim, com a observação das gerações com características compatíveis socialmente é possível verificar os estágios na evolução da comunidade de fala que os

membros estão inseridos. O autor esclarece, ainda, que existem mecanismos da mudança linguística, mais especificamente, a mudança sonora.

Essas mudanças sonoras podem ocorrer da seguinte forma: (1) o processo em que um falante aprende uma forma alternativa, (2) à medida que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna ultrapassada. Essa transição ocorre com grupos de faixa etária levemente diferentes, no entanto, as evidências empíricas observadas até então indicam que as crianças tendem a não preservar as características dialetais dos seus pais, e sim as dos grupos aos quais estão ligadas nos anos pré-adolescentes (WEINREICH; LABOV E HERZOG, 2006 [1968], p. 122).

Para o estudo das mudanças linguísticas em andamento, Labov (2011) estabelece estratégias para compreendê-las, analisando alguns problemas distintos que podem responder às questões como: a direção da evolução linguística, os condicionantes universais que contribuem para a mudança, as causas do surgimento contínuo de novas mudanças ou por meio de qual mecanismo elas ocorrem.

Nas pesquisas realizadas em parceria, os autores Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]), apresentam cinco (5) problemas a serem estudados sobre a mudança linguística, o primeiro deles é o problema dos *fatores condicionantes*, onde os autores sugerem que para ter uma possível teoria da mudança, faz-se necessário determinar um conjunto de mudanças e condições que favorecem a mudança linguística, o estudo parte de uma análise detalhada e minuciosa das mudanças em progresso. Os autores relatam, ainda, que um desses fatores condicionantes surge em um sistema de dois fonemas que está em contato com apenas um sistema de um fonema fundido, favorecendo a mudança para o sistema de um fonema. Esses fatores condicionantes podem restringir ou pressionar o surgimento de algumas formas e, assim, ocasionar a mudança.

Outro problema é a *transição*, onde o objetivo é encontrar o meio pelo qual um estágio de uma mudança linguística evolui partindo de um estágio anterior, ou seja, a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a B. Como exemplo de transição, Bortoni-Ricardo (2011) mostra a preservação de formas dialetais do português do século XVI trazido pelos colonizadores e preservados em comunidades caipiras isoladas, onde algumas dessas mudanças vocálicas são perceptíveis na fala de colaboradores mais idosos.

/ba`tʃismu/ : /bo`tʃismu/ 'batismo'

/doku`mẽtu/ : /dʒiku`mẽtu/ 'documento'

A mudança linguística pode ser observada no momento em que ocorre, ao considerar traços de determinadas variáveis como arcaico/inovador, analisando a passagem da língua através das gerações de pais ou avós que mantêm a fala /bo`tʃismu/ passando para filhos que utilizam /ba`tʃismu/.

Em seguida, o problema do *encaixamento*, visando compreender como as mudanças estão encaixadas no sistema linguístico como um todo, correlacionando o comportamento social e linguístico dos falantes. De acordo com Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) o problema do *encaixamento* é tido como único mesmo apresentando dois aspectos diferentes: correlações dentro do sistema linguístico, onde as variáveis alteram seu valor em modificações lentas de um polo a outro, de forma gradual, andando paralelamente junto à variante, que acompanha de maneira contínua ou discreta a pequena mudança na variável. Labov (2008) relata parte da pesquisa na Ilha de *Martha's Vineyard*, onde o *encaixamento* foi abordado em um primeiro momento pela correlação da centralização⁴ das variáveis em estudo e, no final, ao correlacioná-las aos fatores extralinguísticos como: profissão, localização geográfica, educação e, principalmente, etnia - esse padrão se repetiu.

O problema da *avaliação* da mudança linguística está correlacionado às atitudes subjetivas dos falantes e aos aspectos valorativos atribuídos por eles a cada variável. Está relacionada, também, ao nível de consciência social dos falantes e de como se sentem parte da comunidade a qual pertencem.(WEINREICH; LABOV E HERZOG, 2006 [1968]). Labov concluiu que quanto mais o indivíduo se auto afirmava vineyardense nativo, mais fazia questão em adotar a centralização. Porém, quando um nativo abandonava o desejo de permanecer na ilha e mudar para trabalhar fora, comprovou-se que também abandonava a centralização voltando às formas padrões não centralizados.

E, por último, o problema da *implementação*, visto que a mudança não ocorre instantaneamente e sim de forma gradual e lenta entre os falantes, a fase final que completa a mudança linguística equivale à passagem da variável ao *status* de constante, e isso só ocorre quando há perda de qualquer significação que a variável possuía, tornando-se tão regular que passa a ser uma alternativa de uso constante, como afirmam Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]).

A mudança linguística é de fundamental importância para os estudos sociolinguísticos. Dada a caracterização das variações pesquisadas, o linguista observa o *status* social positivo ou negativo, bem como o posicionamento da variável no sistema, ou

⁴Labov refere-se à centralização dos ditongos /aw/ e /ay/ como sendo a pronúncia /a/ mais próximas do /e/.

seja, se está em pleno avanço ou recuo. Labov (2008) afirma que as mudanças linguísticas estão ligadas aos fatores sociais que não devem ser negligenciados. Apontamos, a seguir, alguns desses fatores (linguísticos e extralinguísticos) considerados fundamentais nas pesquisas sociolinguísticas.

1.6 Fatores em níveis estruturais e em níveis de uso social que apresentam variação no português brasileiro

Assim como afirmado anteriormente, todas as línguas apresentam algum tipo de variação, sendo heterogêneas e estando mutuamente ligadas às transformações da sociedade, e, em especial, o português brasileiro exibe um alto grau de diversidade e variabilidade. Essas variações podem estar ligadas à diversos fatores, como os internos, inerentes à estrutura da língua, o significado e significante e outros subsistemas da língua. Ou, ainda, aos fatores externos como: etnia e sexo - relacionados diretamente aos indivíduos - e aos fatores de uso social, como: escolarização, classe social, nível de renda. Há, ainda, os fatores contextuais, como: grau de formalidade e tensão discursiva (MOLLICA e BRAGA, 2012). Para entender as transformações na língua é fundamental estudar esses fatores estabelecendo ligação junto às variações originadas ou influenciadas por eles.

Diante da complexidade de afirmar uma ocorrência de variação a determinado nível da gramática, visto a relação que os termos mantêm entre si, as variáveis morfológicas e as sintáticas aparecem por vezes ligadas, sendo classificadas como variáveis morfossintáticas.

Pode-se observar o comportamento da variável em fatores morfológicos da língua, em estudos da pesquisadora Scherre (1988), em que acontece o fenômeno da variação na concordância de número entre os elementos que formam o núcleo do sintagma nominal. A autora exemplifica: *umas garotinha lá...*, *meus amigão...*, *dois cavalos lindo...* e mostra que o uso do grau diminutivo e aumentativo dificultam a utilização da marca de plural. Há também os casos em que formas verbais podem favorecer a realização de uma variável, geralmente, quando o verbo se encontra no infinitivo e nos tempos presente e pretérito.

Quanto às variáveis semânticas ou variáveis de significação, essas estão ligadas, de certa maneira, às morfossintáticas, discursivas e fonológicas, embora seja polêmica em se tratando da teoria de variação defendida por Labov (1964), visto que ele considerava a

existência dessas diferenças irrelevantes para a análise, uma vez que a teoria sustentada por ele não se detém nas questões relativas à significação.

Em razão do fato de a língua apresentar, para um único referente, várias palavras correspondentes, a variação lexical é estudada não apenas para observar o item lexical e seus significados, "mas verificar uma escala de possibilidades para aquilo que poderíamos chamar de um domínio funcional", segundo Mollica e Braga (2012, p. 71), por exemplo, compreendendo a escolha dos itens como: *as pessoas, o sujeito, o cara*, observando os usos relacionados ao contexto e situação discursiva.

Porém, torna-se interessante verificar que as formações linguísticas não relacionam-se apenas ao léxico, mas também aos contextos linguísticos e situacionais. Mesmo sendo ainda uma área pouco estudada entre os pesquisadores de variação, o PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, em suas primeiras pesquisas já mostrava variação na categoria semântica e apresentava resultados obtidos por meio desses dados. Como ilustração dessas variáveis em nível semântico, temos a variação entre pronomes possessivos *suas* no exemplo(1a) e *dele* no exemplo(1b) (OLIVEIRA e SILVA, 1986, 1991):

(1a) A televisão enguiçou e *suas* válvulas quebraram.

(1b) O mecânico trouxe as válvulas *dele*.

No campo da semântica, o pesquisador encontrará várias opções de contextos e ambientes que favorecem o campo de investigação das variações.

No campo fonológico, o tipo mais comum e fácil de detectar, a variável fonológica surge nos primeiros minutos de fala espontânea e "ocorre por supressão de vogais ou consoantes, palatização, nasalização ou outros processos, visto que existem diferentes realizações fonéticas para uma mesma unidade fonológica, num mesmo contexto, dentro de uma mesma comunidade", segundo Mollica (2012, p.74).

A perspectiva variacionista, atenta para o caráter heterogêneo da língua, não configurando o caos nas variações, em razão de serem estruturadas assim como a língua. Como nos mostra Alkmim (2011, p. 21-22), "[...] dois falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam exatamente do mesmo modo, assim como um único falante raramente se expressa da mesma maneira em duas diferentes circunstâncias de comunicação". Como ilustração, a autora apresenta a forma verbal "vamos" podendo ser realizada pelo falante 1 /vãmus/ e pelo falante 2 /vãmu/. Observamos formas diversas de expressão da língua que não interferem na compreensão, mesmo com a variação de ausência e presença dos segmentos sonoros, no caso, o fonema [s]. Como exemplo, a

realização “Os livros/Os livro” simbolizando a presença do segmento sonoro [s] e sua ausência [Ø], assim a marcação de plural no sintagma nominal é uma variável [s] "Os meninos", enquanto a ausência de marcação, representada por [Ø], constitui a variante "Os menino"[Ø].A autora ressalta, ainda, que é mais comum a ocorrência de variação na fricativa alveolar /s/ em palavras que tenham finais átonos e apresentam apenas variação fonológica, do que nas variações que afetam o sistema gramatical.

Partindo dos fatores linguísticos citados, passamos a explicitar fatores de natureza extralinguística que podem influenciar a ocorrência das variações linguísticas.

1.6.1 Fatores extralinguísticos

Os fatores extralinguísticos de natureza sociocultural começaram a ser estudados na década de 60. Verificou-se que restrições de ordem social muito tinham a colaborar com as análises sobre as variações e seus elementos facilitadores. O estudo realizado por Labov, numa loja de departamentos em Nova Iorque, onde cada andar comercializava tipos específicos de produtos e, portanto, dividiam-se, também, os vendedores/informantes especializados nos produtos de cada andar da loja. Partindo dos fenômenos linguísticos, fonológicos analisados, Labov constatou a ocorrência de variações sonoras de acordo com a estratificação social dos vendedores lotados por andar. Verificou-se que as escolhas do repertório linguístico de um falante relacionam-se com os usos particulares de cada grupo social ao qual pertence. Assim, os fatores extralinguísticos mais utilizados nas pesquisas sociolinguísticas e sua influência nos casos de variações linguísticas são:

a) Sexo

De acordo com Labov (2001), o sexo pode ser um fator fundamental em pesquisas sociolinguísticas, e leva-nos a refletir sobre o que ele chamou de paradoxo de gênero, uma vez que mulheres tendem a fazer uso da forma padrão até mesmo antes dos homens, quando esta mudança ocorre com consciência social (*changes from above*) adotando, assim, a forma mais conservadora da variável. No entanto, quando há mudanças sem consciência social (*changes from below*) as mulheres usam mais que os homens as novas formas. Labov (2001) explica que o motivo de as mulheres serem em alguns casos mais conservadoras e em outros progressistas está no fato delas se conformarem, mais que os homens, às normas prescritas e, sendo menos conformadas, quando essas normas

sociolinguísticas não são prescritas de forma explícita. Mollica e Braga (2012, p.35) afirmam:

A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. A consciência do padrão que aponta o conservadorismo linguístico das mulheres emerge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais, que partilham diversos aspectos da organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizada por outros valores culturais e outra forma de organização social.

Assim, conclui-se que as diferenças biológicas correlacionadas às variações linguísticas estão, principalmente, ligadas aos papéis que cada comunidade de fala designa aos homens e às mulheres. Sobre a socialização na conversação espontânea, Tannen (1990) e Coulthard (1991) afirmam que os homens tendem a ser mais independentes e mantêm uma postura primando seu prestígio, enquanto as mulheres desenvolvem a interação verbal, buscando o envolvimento do interlocutor mostrando uma postura mais solidária.

b) Idade

Através da idade dos falantes, pode-se perceber em qual estágio encontra-se determinada forma variante, se está em *progresso*, *estagnação* ou *reco*. Os mais idosos tendem a preservar as variantes, enquanto os jovens são mais abertos às novas possibilidades de expressão, muito embora algumas características linguísticas e variações sejam passadas de pais para filhos. Em uma comunidade, é possível analisar o caminho que determinada variação está seguindo, se está sendo mais utilizada pelos falantes mais jovens sinaliza *avanço*, se é menos utilizada pela maioria dos falantes, provavelmente está *estagnada* ou se apenas poucos fazem uso delas indica *reco* ou apagamento do repertório linguístico, nesses casos, o fator idade contribui muito para a investigação. Labov (1966) ressalta que como é natural a língua estar em constante mudança é possível que, com o passar dos anos, essas mudanças possam ser evidenciadas pelas faixas etárias dos falantes, sendo geralmente os idosos mantenedores das formas mais antigas e os jovens mais receptivos às mudanças e inovações.

c) Escolaridade

As pesquisas têm registrado que o grau de escolaridade influencia nos usos das variantes pelos falantes, onde os falantes que possuem maior tempo na escola tendem a usar a norma padrão, enquanto os que estudaram menos utilizam e preservam a variante, muitas vezes estigmatizada pelo restante do grupo. De acordo com Mollica e Braga (2012, p. 51), "a escola atua como preservadora de formas de prestígio [...] veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever". Nesse sentido, a variável escolarização está ligada ao fenômeno de promoção ou resistência à mudança. Assim, quanto menos escolarizado for o falante, maior será a preservação da variante na fala, e quanto maior o nível de escolarização maior será a motivação de adequação às normas estipuladas pela escola. Porém, é importante ressaltar que há casos em que o falante não é escolarizado, e mesmo assim realiza adequações na sua fala para encaixar-se em um perfil de grupo.

d) Origem Geográfica

O fato de a língua falada apresentar variação de um lugar para outro, possibilita que os pesquisadores averiguem as características dos falares em diversas regiões ou mesmo em áreas geográficas de um mesmo estado. Dessa forma, as alternâncias se expressam regionalmente, levando em consideração os limites físico-geográficos (MOLLICA e BRAGA, 2012). Como afirma Labov (1972, p. 19), "essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação, empréstimo ou fusão". É possível observar que variações encontradas no repertório linguístico de um estado esteja presente na fala de moradores de comunidades de outro estado. Pela proximidade, essas comunidades passam a assimilar a forma de falar dos vizinhos, que muitas vezes são estreitamente ligados por laços de parentesco ou relações de negócios fundamentados na troca de bens de consumo e favores. (BORTONI-RICARDO, 2011).

Em seguida, passamos a discutir como os fatores sociais e as variações linguísticas estão ligadas à constituição da identidade e etnicidade dos falantes sob a perspectiva variacionista.

2.CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA VARIACIONISTA LABOVIANA À LUZ DA IDENTIDADE E ETNICIDADE DOS FALANTES

Entre os diversos conceitos de identidade e discussões acerca de sua construção, não se pode negar que a identidade é construída no âmbito social, que os sujeitos buscam integração por meio da língua, e assim se "modelam" ao grupo de referência no qual estão ou desejam estar inseridos. Sobre o comportamento linguístico individual, ligado ao aspecto social, serão abordados nesta seção dois pesquisadores sobre o tema: Le Page (1980) e Labov (2011).

Para Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade, visto que o comportamento linguístico está diretamente ligado aos vários aspectos da identidade social, como: sexo, idade, antecedentes regionais, ocupacionais, religiosos e grupos étnicos. Para constatar esta afirmação, Le Page (1980, p.31) propõe quatro princípios que estão intimamente ligados à linguagem e identidade:

1. a capacidade do falante de identificar o grupo modelo ou de referência;
2. a capacidade de ter acesso a esses grupos e a habilidade de trabalhar as regras de seu repertório;
3. o peso de motivações conflitantes (motivações em relação a um ou outro grupo modelo em relação à preservação de sua própria identidade);
4. a habilidade de modificar seu comportamento linguístico.

A partir destas condições que definem o comportamento linguístico dos falantes, é possível notar que as escolhas linguísticas estão interligadas à identidade social do falante, ao papel que desempenha na comunidade de fala. Assim, o falante cria regras que possibilita se integrar ao grupo de referência através da semelhança linguística. No modelo de Le Page (2008, p 20), "o que estrutura a identidade em todas as suas dimensões é a linguagem, e "o outro" do discurso não é representado pelo interlocutor a quem se dirige e sim ao grupo de referência". Muitas vezes isso é inconsciente, é como se o falante se dirigisse não ao seu interlocutor face a face, mas ao grupo ao qual deseja pertencer. O que explica esse sentimento de pertencimento ou aprovação a determinado grupo é o fenômeno da acomodação, essa teoria postula que as pessoas são motivadas a ajustarem sua fala ou acomodarem-se. Sobre identidade local, Labov (2011, p. 342) afirma que:

Além dos condicionamentos entrecruzados de classe social e casta, as comunidades frequentemente desenvolvem categorias mais concretas para situar os indivíduos. Em comunidades rurais (ou em bairros periféricos), a identidade local é uma categoria de pertencimento extremamente importante - muitas vezes, impossível reivindicar e difícil de conquistar.

Labov (2008) investigou a hipótese de um conflito entre o que intitulou orientação para o prestígio e orientação para a identidade. Para ele, o prevalecimento de uma das duas orientações depende dos padrões de mobilidade social. Falantes de classe média que estejam em processo de mobilidade social ascendente tendem a adotar valores de grupos de referência. O falante adequa a fala ao grupo de referência ao qual deseja pertencer. Labov (2011, p.146) também cita casos de insegurança linguística na classe média baixa:

A grande flutuação na variação estilística exibida pelos falantes da classe média baixa, sua hipersensibilidade a traços estigmatizados que eles mesmos usam e a percepção inexata de sua própria fala, tudo isso aponta para um alto grau de insegurança linguística nesses falantes.

Neste momento, convém abordarmos um conceito, que está ligado à constituição da identidade dos falantes: a identidade étnica e etnicidade sob a perspectiva da antropologia. O autor Barth (1969, apud POUTINGNAT,1998), faz importante referência sobre identidade e etnicidade, apresentando uma visão mais dinâmica sobre o tema, uma vez que mostra as divisões étnicas estando em constante reprodução, baseadas nas relações estabelecidas pela sociedade. Para o autor, a etnicidade se define nas diferenças estabelecidas pelas fronteiras de cada grupo social. Nesses grupos, alguns aspectos culturais podem variar, porém a etnicidade do grupo permanecerá imutável, podendo ser vista ao contrapor dois grupos distintos, analisando os sinais através das fronteiras do grupo, ou seja, é por meio das diferenças culturais e do contato com outros indivíduos que a etnicidade se manifesta. De acordo com Poutingnat (1998, p.124-125):

[...] a etnicidade não se define como uma qualidade ou uma propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduo ou de grupos, mas como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações.

Por meio dos centros urbanos pode-se notar de forma mais evidente as identidades étnicas, afirma Poutignant (1998, p.124): " a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo

moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas". Assim, nota-se que a etnicidade é dinâmica, estando num contínuo processo de reconstrução, apoderação de traços culturais por seus membros como meio de identificação ou pertencimento ao grupo de referência.

2.1 Entre o Estigma e o Prestígio

As mudanças na língua refletem-se na sociedade, uma vez que esta é essencialmente uma atividade social, moldada pela realidade do grupo, os estudos voltados para a mudança linguística mostram como isso ocorre, e o porquê, bem como as necessidades da sociedade em modificar e adequar seu sistema linguístico. Esse fato também corrobora a ideia da língua como um instrumento político para alcançar e manter o poder. Através das diferenças de níveis de *status* socioeconômico entre os sujeitos, o grupo que detêm maior poder econômico passa a determinar dada variedade como prestigiada, enquanto as demais e seus falantes, por vezes, são vítimas de estigmatização. Como afirma Gnerre (1998, p. 06):

Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a uma variedade "cultura" ou "padrão", considerada geralmente "a língua", e associada tipicamente a conteúdos de prestígio. A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um "*corpus*" definido de valores, fixados na tradição escrita.

Para Goffman (1988 [1963]) o estigma surge quando um indivíduo apresenta um determinado traço que chama a atenção e o torna diferente dos outros, causando afastamento dessas pessoas. O autor conceitua estigma (marca, sinal) como sendo atribuído às pessoas que se afastam do modelo ou idealização corrente adotada em determinado contexto. Assim, é estabelecida uma orientação do comportamento individual apreciado pela sociedade; essa avaliação do que é aceito ou marginalizado em um contexto específico é definido pelos membros de um grupo social. Goffman (1988, p. 25) afirma, ainda, que:

Um ato pode ser apropriado ou inapropriado somente de acordo com o julgamento social de um determinado grupo social, e mesmo dentro dos confins do menor e mais caloroso grupo existe algo de contraditório e duvidoso. O nível de desacordo e consenso dentro de um grupo no que se refere à aprovação de um ato demonstram os próprios limites do grupo.

Os membros dos grupos são, de certa forma, coagidos a realizar concessões para se enquadrarem nos padrões incutidos pela sociedade.

Desse modo, o uso da língua é, muitas vezes visto como elemento de inclusão/exclusão social, uma vez que os grupos detentores do poder classificam indivíduos pela forma que se expressam, onde os que não tiveram acesso ou oportunidades de escolarizar-se, são diminuídos perante a sociedade. Bagno (2001, p.36) considera que "menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou a variedade linguística empregada por um ser humano equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo como ser humano". O resultado disso são pessoas inseguras em relação à língua que utilizam, onde o que mais se ouve é " eu não sei falar português direito" ou " eu não sei falar bonito", como resultado da coerção ideológica sofrida por séculos, onde o valor das pessoas está ligado ao poder econômico, e este, por sua vez, ditando o que vem a ser "certo" e "errado" de acordo com seus interesses.

Sobre as variações estigmatizadas pela comunidade de fala, Paiva (2003, p. 40) esclarece que:

As variantes estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definido. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo. Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem, de um *status* particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade linguística geral.

A esse respeito, Bagno (2007, p. 76) afirma ainda que "o juízo de valor atribuído a determinadas formas linguísticas nada tem a ver com as características propriamente linguísticas do fenômeno, mas sim, com as avaliações sociais lançadas sobre os falantes". Assim, quanto mais alto for o nível socioeconômico e de escolarização do falante, mais prestigioso será o seu modo de falar, e se a situação for contrária a essa maior será a estigmatização sofrida pela maneira desse falante se expressar.

Essas avaliações ocorrem pelo fato das variações representarem, na sociolinguística, apenas formas "diferentes" da mesma palavra com o mesmo teor semântico, porém, para a maioria das pessoas, essas formas representam um "erro", e portanto, quem as expressa, é avaliado como ignorante. As avaliações podem ser positivas ou negativas e, como reforça Bagno (2007, p. 77): "elas são essencialmente sociais", ou

seja, não é um julgamento da língua em si que se apresenta, mas sim dos falantes que fazem uso dela daquele modo. Como afirma Faraco (2005, p. 33-34):

No caso da sociedade brasileira, por exemplo, as variedades rurais não têm prestígio social; só algumas variedades urbanas (não todas) é que o têm. Essas variedades prestigiadas constituem o que chamamos de *norma* ou *variedade culta*; elas representam um ideal de língua cultivado pela elite intelectual, pelo sistema escolar, pelos meios de comunicação social. São essas formas prestigiadas que irão ocorrer preferencialmente na escrita.

No entanto, a partir desses "julgamentos" instituídos pela sociedade cria-se o estereótipo, que de acordo com Amaral (1998, p.6): "é a concretização/personificação do preconceito. Cria-se um tipo 'fixo' e imutável que caracterizará o objeto em questão - seja ele uma pessoa, um grupo ou um fenômeno". Aplicado aos fenômenos variáveis, os estereótipos tornam-se alvo de comentários na comunidade em geral. Como exemplo, a fala dos nordestinos frente a fala do Centro-sul, bem como o falar caipira, o mineiro e o paulista (CYRANKA, 2008). O problema está na ampla divulgação desses falares pela mídia - que não possuem conhecimento suficiente do sistema linguístico - criando, portanto, estereótipos (LABOV, 1972).

Portanto, é comum entre os falantes de uma comunidade ter "vergonha" da forma como falam, pois dentro de uma comunidade há grupos com maior poder socioeconômico que avaliam os falantes que apresentam variação linguística. Alguns ainda tentam adequar a forma linguística para serem bem aceitos, outros apenas afirmam "não saber falar bem".

Dessa forma, o grau de variabilidade da língua, no caso o português brasileiro, deve-se não apenas a sua grande extensão territorial, mas também, às desigualdades sociais e concentração de riquezas entre poucos. Em razão disso, o poder do *status* econômico diferencia e separa as variedades da língua, sendo as mais prestigiadas as faladas por moradores dos grandes centros urbanos de alto poder aquisitivo e, variedades estigmatizadas, aquelas adotadas por moradores de periferias, zonas rurais ou analfabetos (BAGNO, 2007).

Além dos conceitos de prestígio da língua falada urbana culta frequentemente divulgados, é interessante voltar a atenção ao que Labov (1972) chama de um fenômeno do prestígio encoberto - *Covert prestige*, postulado por ele mesmo, como característica da manifestação do anseio do falante em manter sua identidade no interior do grupo do qual faz parte.

Trudgill (1979) também defende esse fenômeno ao referir-se sobre as questões entre as atitudes dos falantes acerca das variações linguísticas e as avaliações sobre as próprias falas. Como exemplo, estão as realizações dos falantes masculinos, que muitas vezes, afastam-se do padrão, associando, de forma inconsciente, a uma marca de virilidade.

Com isso, conclui-se que é impossível conter a natureza heterogênea comum a todas as línguas, tendo em vista a influência inegável das questões de ordem social que as influencia.

Para melhor compreender o processo de identificação linguística relacionado aos grupos de referência, abordamos a seguir, algumas visões de pesquisadores sobre o que constitui, de fato, uma comunidade de fala.

2.2 Constituição da comunidade de fala

Desde o surgimento da sociolinguística, tornou-se necessário a elaboração de uma definição para a comunidade de fala. As discussões sobre um nível conceitual sobre o tema iniciam na década de 1960 (PATRICK, 2004), logo nas primeiras pesquisas sociolinguísticas. Muitos pesquisadores se debruçaram sobre o tema, porém, a sociolinguística rejeitou a definição de comunidade tratando-se, apenas, de traços linguísticos e postulou, como critérios além do domínio linguístico, as regras de conduta em comum, a adequação de códigos e estilos, bem como formas de tratamento e padrões de uso da fala em geral (BORTONI-RICARDO, 2011). Abordamos alguns desses conceitos, resumidamente, e nos aprofundamos na noção de comunidade de fala laboviana, em razão desse trabalho ser realizado sob a perspectiva dos estudos de Labov.

De acordo com Severo (2008), entre os principais pontos para estabelecer uma definição da comunidade de fala (doravante CF), estão as muitas noções e diferentes visões dos linguistas, em razão da divergência de pensamento dos pesquisadores e o que cada um deles considera como base para a constituição da CF. Entre os principais aspectos estão: os sociais defendidos por Dell Hymes (1964) e Gumperz (1996); os psicológicos e identitários abordados por Le Page (1985) e Wardhaugh (2002) e os linguísticos amparados por Guy (2001). Cada autor utiliza um desses fatores como essencial para estabelecer o conceito.

Para Hymes (1964[2003], p. 23), "a unidade natural para a taxonomia e descrição da sociolinguística, contudo, não é a linguagem, mas a comunidade de fala". Essa noção seria efetiva levando-se em conta os seguintes aspectos: estruturas de comunicação

relacionadas às características da língua, da personalidade e estrutura social, incluindo, nessa perspectiva, cultura e sociedade. De acordo com esse pensamento, Gumperz (1996, p. 362) ressalta que dentro de uma CF há diversidade, visto que essa constitui-se de *redes de comunicação* que são inerentes aos padrões de usos e interpretações linguísticas. O autor afirma ainda que a CF deve ser considerada como "o ponto inicial da análise, ao invés do foco em línguas ou dialetos". No entanto, enfatiza que dentro de uma comunidade de fala há várias redes de socialização que a constituem e que se associam por padrões de usos e interpretação linguística, deixando claro sua posição ao expor que as redes sociais são unidades de análise e não a comunidade de fala (GUMPERZ, 1996, apud SEVERO, 2008).

Porém, fora das questões de delimitação sociais que envolvem uma comunidade de fala, como agrupamentos de pessoas objetivando o cumprimento de tarefas mútuas, crenças, hábitos, falares, valores entre outros, existe também o fator individual, onde o sujeito opta por qual grupo deseja pertencer. Wardhaugh (2002, p. 128) propõe que "a conexão social que resulta das escolhas linguísticas que você faz pode depender da quantidade de certas características linguísticas, da mesma forma que de suas qualidades". O linguista acredita que o sujeito pode pertencer a mais de uma comunidade de fala, adaptando-se a uma ou outra de acordo com sua vontade ou circunstância. Em conformidade, Fishman (1972, apud BORTONI-RICARDO, 2011, p. 95) nota que no interior de cada comunidade de fala "repertórios linguísticos funcionalmente diferenciados" associam-se com "redes interacionais comportamentalmente diferenciadas", inseridas no interior de domínios diferentes como a família, grupos de amizades, interesses ou ocupacionais. Essa percepção de CF é explicada pela mobilidade social e geográfica atual da sociedade, transferindo e deslocando informações e dados. Dessa maneira, a noção de CF é conectada às teorias de redes sociais de Milroy (1980) e comunidade de prática de Wardhaugh (2003).

Para Guy (2001), a CF se constitui a partir de três fundamentos bases: 1) traços linguísticos compartilhados pelos falantes, diferente de traços de outros grupos; 2) alta frequência de comunicação entre si; e 3) utilização comuns das normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Com base nesses critérios, o linguista acredita que apenas por meio dos usos linguísticos é possível identificar uma comunidade de outra, ou seja, apenas por meio de distinções dos termos gramaticais e não apenas de diferenças de regularidade das variáveis linguísticas.

Porém, a definição de uma CF baseada apenas em usos linguísticos parece incoerente, visto que em uma comunidade os sujeitos podem apresentar um comportamento linguístico diferente dos sujeitos que não fazem parte da comunidade, considerando que em uma CF não há limites de variações no repertório linguístico dos falantes. Vale ressaltar, que os limites são definidos pela própria CF, condicionada aos limites estipulados pelo sistema.

Além das noções de CF citadas, há também linguistas que não acreditem em nenhuma delas, Hudson (1980, p. 30) considera que: "é possível que as comunidades de fala não existam na sociedade, senão como protótipo na mente das pessoas e, nesse caso, a busca de uma definição 'verdadeira' de 'comunidade de fala' não passa de uma perseguição inútil".

Como se percebe, a capacidade do sujeito de pertencer a vários grupos dependendo apenas da situação determinada, faz com que seja bastante complicado chegar a um consenso sobre a comunidade de fala, dificultando a delimitação do conceito pelo fato de os falantes assumirem várias identidades linguísticas.

Já a conceituação laboviana (1984, p. 256) parte do princípio do caráter social e da função comunicativa da língua, afirmando que o vernáculo é propriedade de um grupo, não de um indivíduo sozinho. Labov (1972, p.120-121) argumenta que:

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas estabelecidas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, que são invariantes com relação aos níveis particulares de uso.

Nesse modelo, Labov destaca dois aspectos- conscientes e inconscientes - que determinam o pertencimento do indivíduo a uma comunidade de fala e não a outra, (SEVERO, 2008). No nível consciente, os falantes utilizam as mesmas atitudes e valores atribuídos à língua pelo grupo, onde a CF é compreendida como "grupo que de fato compartilha um conjunto comum de normas linguísticas" (LABOV, 1972 [2008], p.188). Como exemplo, o linguista relata que os falantes mais velhos e mais jovens de Nova York pertencem às comunidades de fala levemente diferentes, com uma descontinuidade bem diferente dos falantes que nasceram em meados dos anos 1920. Labov esclarece, ainda, que a causa da uniformidade da CF dá-se pelas atitudes dos falantes em relação à língua, em razão das variáveis linguísticas possuírem marcas sociais reconhecidas pelos falantes.

E, no nível inconsciente, estão os aspectos do sistema linguístico (regras gramaticais), que uma vez adquiridos pelo falante, não deixa escolha sobre falar desse ou aquele jeito.

Partindo do princípio que compartilhar atitudes e normas para definir a CF, Labov a especifica como homogênea, não ao delimitar o objeto, a língua que é heterogênea, mas ao especificar o *locus* do seu objeto, comunidade de fala com características homogêneas.

A seguir, explicitamos os aspectos metodológicos que norteiam nosso trabalho, e descrevemos como foram realizadas as análises do *corpus*.

3. METODOLOGIA

Esse capítulo explica os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, para investigar a origem e possíveis causas da variação fonológica verificada na fala. Assim, foram coletados dados sonoros junto a informantes residentes da comunidade do Livramento, Santa Filomena -PE, escolhidos, aleatoriamente, desde os residentes mais idosos até os mais jovens e que deram autorização para sua participação na pesquisa.

Os critérios de inclusão de colaboradores, informantes potenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa foram: (1) ter nascido na comunidade do Livramento, Santa Filomena-PE, ou ter se mudado para a comunidade até cinco anos de idade; (2) apresentar faixa etária entre 18 e 75 anos de modo que a amostragem seja satisfatória para a observação do comportamento linguístico dos informantes em relação à variação estudada; e (3) aceitar participar das entrevistas e gravações de conversas espontâneas para fornecerem *corpus* para análise das variações linguísticas, bem como ter lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e esclarecido - TCLE.

Norteando-nos nas pesquisas sociolinguísticas que estabelecem as variações sistemáticas inerentes ao objeto de estudo, na comunidade de fala, optamos por pesquisar os seguintes grupos de fatores (restrições) linguísticas: classes de palavras nas quais há mais ocorrência da variação e dos fatores extralinguísticos significativos para maior ocorrência da variável. Nas classes de palavras foram escolhidas as restrições:

1) Substantivo (carteira / caŕtêra/); 2) Verbo (participa /paŕticipa/); 3) Adjetivo (certo /ceŕtu/) e 4) Advérbio (perto /peŕtu/). E entre as restrições sociais escolhemos o sexo, faixa etária, escolaridade, origem geográfica e nível de exposição (contato) fora da comunidade, discutidos e apresentados na fundamentação teórica.

Desse modo, para a realização desta pesquisa, obteve-se uma amostra de dados sonoros de, aproximadamente, trinta horas de gravação obtidas em pesquisa de campo, com a colaboração de 15 (quinze) informantes, sendo 10 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, que gentilmente receberam a pesquisadora em suas casas e se prontificaram a contribuir com o trabalho.

A coleta dos dados ocorreu, de 01 de maio até 01 de junho de 2014. Paralelamente a isso, cada informante respondeu a um pequeno questionário sobre seus dados e antecedentes geográficos⁵, o qual contemplou as seguintes informações: nome, sexo,

⁵ A população amostral é oriunda dos estados de Pernambuco e Piauí, sendo importante para a pesquisa correlacionar a origem dos falantes e os usos que fazem da variante encontrada na comunidade.

idade, escolaridade, profissão e tempo de permanência na comunidade e/ou sítios vizinhos (os sítios vizinhos fazem fronteira ou pertencem ao estado do Piauí). Antes das gravações houve a aproximação inicial com os moradores através de conversas informais e esclarecimentos sobre o que tratava a pesquisa, a técnica de abordagem empregada pela pesquisadora foi de ir às casas, aleatoriamente, e apresentar-se como amiga de pessoas da comunidade, que a acompanharam nesse primeiro contato.

A coleta dos dados da pesquisa iniciou-se, apenas, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da UNICAP, apresentação do TCLE e a concordância dos sujeitos em fazer parte da mesma.

Os informantes foram igualmente atenciosos durante o trabalho, no entanto as mulheres se mostraram mais colaborativas que os homens. Em alguns casos, nas visitas às famílias, quando a pesquisadora perguntava se o homem gostaria de participar da pesquisa, respondiam desconfiados que preferiam que a esposa participasse. Para criar o vínculo de confiança, Bortoni-Ricardo (2011) afirma que é necessário dar uma explicação mais detalhada sobre o projeto e fazer referência às pessoas da comunidade com as quais a pesquisadora já tinha amizade. E esse procedimento foi muito importante para o andamento do trabalho, pois após um esclarecimento mais amplo, os informantes sentiram segurança para serem entrevistados.

As gravações foram realizadas na residência dos informantes, sendo individuais, com o consentimento dos mesmos para que os membros da família permanecessem acompanhando as conversas.

A entrevista realizada baseia-se em módulos ou roteiros de perguntas sugeridos por Tarallo (2011) que tem como objetivo homogeneizar os dados dos informantes participantes para posterior comparação, além de controlar os tópicos de conversação provocando narrativas de experiência pessoal.

Para facilitar o processo de aparecimento natural da variante linguística estudada, a pesquisadora formulava perguntas sobre o cotidiano, onde, certamente, na resposta do informante, apareceria a variante fonológica. Isso deu-se após um tempo de observação e análise sobre como coletar esses dados sem que o entrevistado cuidasse da fala, preocupando-se, apenas, em narrar o fato em que está emocionalmente envolvido.

Em um desses momentos, a pesquisadora abordou um assunto que se fazia presente em toda a comunidade, a construção de cisternas em seus quintais. Um fato observado possibilitou a gravação da variante quando se fazia a seguinte pergunta: " O senhor foi contemplado com a cisterna, mas o que vai fazer com as plantas de lá?". Como resposta, o

informante que apresenta a variante no seu repertório linguístico respondeu: "Vou ter que /coʃtar/". A partir desse episódio essa pergunta foi inserida no contexto das conversas com os demais informantes, como sendo uma forma de observar, inicialmente, se a variante (/coʃtar / cortar) se fazia presente na fala do entrevistado.

As gravações foram feitas utilizando um *Ipad* mini com o aplicativo de gravação *AudioMemos* e armazenados e organizados em *pendrive* e computador pessoal da pesquisadora. Posteriormente, foi realizada a transcrição dos dados, mais especificamente dos dados fonológicos variantes, sendo utilizado para isso o Alfabeto Fonético Internacional - IPA, para transcrever segmentos sonoros. Também foi utilizado o programa GOLDVARB 2001 para análise quantitativa dos dados.

Assim, com a transcrição dos dados fonológicos necessários e o estudo realizado anteriormente acerca da variação linguística pesquisada, desenvolveu-se a análise dessa variante, levando em consideração os fatores extralinguísticos e linguísticos observados, verificando a incidência da variação linguística na fala dos informantes.

O perfil e as características individuais dos informantes podem ser visualizados a seguir:

Quadro 1: Perfil e característica dos informantes

INFORMANTE 1	
Sexo	Feminino.
Idade	56 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (4ª série).
Nascido na comunidade	Não.
Nascido em sítio vizinho	Sítio Penedo.
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição

INFORMANTE 2	
Sexo	Feminino.
Idade	27 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (5ª série).
Nascido na comunidade	Não.

Nascido em sítio vizinho	Sítio São Joaquim.
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição

INFORMANTE 3	
Sexo	Feminino.
Idade	57 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (1ª série).
Nascido na comunidade	Não.
Nascido em sítio vizinho	Sítio São Joaquim.
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição

INFORMANTE 4	
Sexo	Masculino
Idade	70 anos.
Profissão	Agricultor.
Escolaridade	Analfabeto
Nascido na comunidade	Sim
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Alta exposição(09 meses em São Paulo)

INFORMANTE 5	
Sexo	Feminino.
Idade	39 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (2ª série).
Nascido na comunidade	Sim.
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição.

INFORMANTE 6	
Sexo	Feminino.
Idade	28 anos.

Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (6ª série).
Nascido na comunidade	Sim
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição.

INFORMANTE 7	
Sexo	Masculino.
Idade	64 anos.
Profissão	Agricultor.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (1ª série).
Nascido na comunidade	Sim.
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Alta exposição (06 meses em São Paulo).

INFORMANTE 8	
Sexo	Feminino.
Idade	72 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (2ª série).
Nascido na comunidade	Sim.
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição.

INFORMANTE 9	
Sexo	Masculino.
Idade	66 anos.
Profissão	Agricultor.
Escolaridade	Analfabeto.
Nascido na comunidade	Não.
Nascido em sítio vizinho	Sítio Campo Santo.
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição

INFORMANTE 10	
Sexo	Feminino.
Idade	61 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Analfabeta
Nascido na comunidade	Sim.
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição.

INFORMANTE 11	
Sexo	Feminino.
Idade	64 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (4ª série).
Nascido na comunidade	Sim.
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição.

INFORMANTE 12	
Sexo	Feminino.
Idade	69 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (4ª série).
Nascido na comunidade	Sim.
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Alta exposição (trabalhou em contato com pessoas de outras comunidades por mais de 10 anos.)

INFORMANTE 13	
Sexo	Masculino.
Idade	69 anos.

Profissão	Agricultor.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (7ª série).
Nascido na comunidade	Sim.
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	alta exposição (conviveu com pessoas de outras comunidades).

INFORMANTE 14	
Sexo	Feminino
Idade	50 anos.
Profissão	Agricultora.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (2ª série).
Nascido na comunidade	Sim.
Nascido em sítio vizinho	-
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição.

INFORMANTE 15	
Sexo	Masculino.
Idade	53 anos.
Profissão	Agricultor.
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto (4ª série).
Nascido na comunidade	Não.
Nascido em sítio vizinho	Sítio Batateira.
Nível de exposição fora da comunidade	Baixa exposição.

3.1 Perfil do Local da Pesquisa

Para compreender as formas linguísticas adotadas pelos membros da comunidade de Livramento, devemos voltar nossos olhos ao passado, relacionando dados históricos aos linguísticos. Vale ressaltar, que dada a proximidade com o estado do Piauí, a comunidade é muito ligada às cidades próximas que fazem fronteira, tendo assimilado, também, a cultura e hábitos dos vizinhos. Daí é possível realizar uma retrospectiva dos fatos que fizeram com que uma comunidade de Pernambuco se assemelhe com as do estado vizinho, em relação ao repertório linguístico. Isso deve-se ao processo de colonização do Nordeste, onde o Piauí era uma espécie de ponte entre o árido sertão e o Maranhão, onde as chuvas aparecem com mais frequência. Por esse corredor passaram, além dos nativos indígenas que lá viviam, colonizadores paulistas como Domingos Jorge Velho que lá se instalou e desbravou as terras. Posteriormente, veio colonizar o estado Domingos Afonso Mafrense, criador de gado, que formou uma vila ao redor de sua fazenda no Riacho Mocha, vindo a ser chamada mais tarde como Nossa Senhora da Vitória do Riacho da Mocha. A vila foi se desenvolvendo passando, mais tarde, a ser cidade.

Logo depois, com a independência do Piauí, essa cidade passa a ser a capital passando a ser denominada de Oeiras. Esta cidade, atualmente, fica a 273 quilômetros da comunidade de Livramento, em Pernambuco.

A partir das misturas entre os povos, colonizadores, escravos e indígenas surge o falar piauiense que se estende além das barreiras do estado, sendo também observado nos municípios vizinhos. Essas variações no linguajar piauiense são atribuídas, também, aos colonizadores paulistas, sendo denominadas, à época, "arraia dos paulistas" as fazendas onde cultivavam a terra e criavam gado. Segundo o historiador Nunes (1974), isso ocorreu pelo fato dos primeiros residentes serem de São Paulo -Domingos Jorge Velho e os que o acompanhavam. De acordo com documentos analisados pelo historiador Nunes (1972, p. 26) sobre a colonização do estado, destacamos o trecho: " Os paulistas vão chamar outros patrícios, que desejam de enxamear, porque em São Paulo já não há onde lavrem ou plantem". Explicando, assim, a chegada dos paulistas para explorar as terras do Piauí.

Porém, há autores que apresentam controvérsias sobre a colonização do Piauí, entre eles Barros (2007) afirma que os desbravadores das terras piauienses foram vaqueiros pernambucanos e baianos que lutaram pela terra com os indígenas em batalhas sangrentas pela instalação de suas fazendas de gado.

Esses dados nos mostram que não se deve, apenas, aos bandeirantes paulistas a cultura herdada, mas por vários outros grupos e etnias que lá estiveram e conviveram, deixando um legado social, histórico e cultural que se reflete até os dias de hoje na identidade do seu povo e sobretudo no seu repertório linguístico. O que ficou do legado da colonização está presente na cultura e, principalmente, na riqueza da linguagem, um bem que é passado de pais para filhos no decorrer dos anos e, por ser interior, as comunidades conservam esses traços linguísticos até a atualidade.

3.2 A comunidade do Livramento

A comunidade de fala do Livramento situa-se no município de Santa Filomena, sertão de Pernambuco. O município, no qual a comunidade está situada, tem, aproximadamente, 13.371 habitantes, dos quais 8.242 pessoas são alfabetizadas. O município faz fronteira com o estado do Piauí, havendo uma relação muito forte entre a comunidade de Livramento e as outras comunidades do estado vizinho. De acordo com o relato dos residentes mais idosos, a comunidade surgiu na década de setenta, quando os moradores dos sítios vizinhos se reuniam para a venda de carnes, bolos e cereais, surgindo então a necessidade de criar uma feira semanal para que todos pudessem comercializar ou efetuar troca dos seus produtos.

De acordo com os moradores entrevistados, a iniciativa partiu dos senhores Joaquim Bernardino Coelho, José Cícero da Silva e José Isaias Coelho, tendo apoio de outros mais. Um dos moradores doou uma parte do terreno, onde hoje situa-se a comunidade. Feito isso, os homens se juntaram, capinaram o terreno e no domingo seguinte iniciaram a pequena feira, não havia estrutura ou suporte para eles, tendo que improvisar pequenos barracos com varas, gravetos, palhas e madeiras, ficando assim conhecida como a feira do "garrancho". Com o tempo, os moradores foram construindo pequenas casas ao redor e pouco a pouco a vila foi crescendo, a comunidade reivindicou junto aos governantes da época a construção da única escola e barragem para abastecê-los em tempos de seca.

Sobre o nome dado à comunidade, misturam-se mitos e fatos em uma espécie de conto fantástico. Os residentes mais idosos contam que um vaqueiro, de um grande criador de gado da região, sofreu uma injustiça ao ser acusado de assassinato, tendo que partir em retirada à procura de um riacho no rumo do pôr do sol fazendo seu esconderijo. Lá sobreviveu embaixo de uma pedreira alimentando-se de caça e mel de abelhas. Com o passar do tempo, o dito vaqueiro resolve voltar a reencontrar o patrão que solicita sua

ajuda para vender o gado por causa da seca, sobrando apenas as novilhas de cada um dos membros da família. Ao voltar ao esconderijo, juntamente com o patrão, o vaqueiro passa a chamá-lo de Livramento, nome sugerido como representação da liberdade adquirida. O vaqueiro constitui família em seu novo lar, originando, assim, as gerações que fundariam a comunidade, como bem narrou o senhor Joaquim Bernardino Filho, conhecido como “seu Quinquinha”, tendo como parente o tal patrão do vaqueiro da história.

Os moradores se orgulham da história de sua formação e fazem questão de contar o que lembram ou o que foi passado a eles por meio dos pais. Dentre os fatos mais marcantes registrados na memória estão a primeira missa celebrada embaixo da copa de uma árvore, o que motivou as famílias a se unirem e construírem, com recursos próprios, a igreja e a sala de aula da primeira escola.

A comunidade, atualmente, tem ruas parcialmente revestidas com pedras e as casas geminadas apresentam um padrão de construção (tamanho e formato), tendo água encanada direto da barragem, coleta de lixo em caminhões nos dias específicos, telefones celulares em algumas casas que captam o sinal da cidade, bastando ao morador apenas comprar uma antena para melhorar o sinal recebido. Praticamente todas as casas têm televisão ou rádio havendo também uma televisão na praça para os que não possuem o equipamento eletrônico. A internet vem via rádio da cidade de Betânia do Piauí, pela proximidade o sinal é distribuído e chega com mais qualidade. Muitos moradores já possuem computador em casa ou acessam da *lan house* montada pelo distribuidor da internet.

A Figura 1 mostra a localização geográfica, no mapa do Estado de Pernambuco, localizando em vermelho o município no qual a comunidade está inserida.



Figura 1: Localização geográfica do município

Os membros da comunidade subsistem da agricultura familiar e criação de ovinos e caprinos. Atualmente, conta com duas associações de moradores que lutam por melhorias

para seus membros, como cursos de capacitação para apicultores, agricultores e na área de construção civil.

A cultura local caracteriza-se pelos festejos de padroeiro que ocorrem anualmente onde a comunidade prepara as atividades com meses de antecedência. No início da coleta de dados, a pesquisadora presenciou alguns desses preparativos, tais como a doação de cada família para o tradicional leilão objetivando angariar fundos para a igreja, o trabalho das senhoras responsáveis pelos quitutes servidos na festa, entre eles a *peta de goma*, um tipo de biscoito ofertado nessa época à banda de pífano e aos visitantes. Também são comuns os trabalhos manuais realizados pelas mulheres como bordados, crochês, tapeçaria e costura. As peças confeccionadas são vendidas em feiras ou feitas por encomenda.

Às noites, reúnem-se na praça onde debulham as vagens de feijão em tempo de colheita, interagem e brincam. A feira semanal que deu origem ao povoado não existe mais, geralmente a compra de mantimentos é feita nos pequenos mercados ou às quintas-feiras quando os moradores se deslocam para as cidades próximas como Dormentes - PE ou Betânia do Piauí.

As crianças que estudam na comunidade são trazidas por transporte escolar que as pegam em seus sítios e, quando passam para o ensino médio, têm que se deslocar até a cidade à aproximadamente 22 quilômetros.

Na área da saúde, há uma agente de saúde que reside na comunidade, faz visitas constantes, há uma Unidade de Saúde da Família, que conta com enfermeira de segunda a sexta-feira e médicos em dias específicos. Em caso de ocorrências graves, o paciente é levado para a cidade Santa Filomena e de lá transferido para o hospital mais próximo, geralmente, nas Cidades de Ouricuri- PE ou Petrolina-PE.

A comunidade é unida, uma vez que é constituída basicamente por familiares que ali decidiram viver, se organizam politicamente para reivindicar direitos, nas formas de abaixo-assinados e reuniões convocadas por eles com o poder público.

3.3 A variável dependente

Para a realização de uma pesquisa sociolinguística, devemos estar atentos para o fenômeno variável, de acordo com Mollica (2012, p. 10-11):

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.

Consideramos como variável dependente, nesta pesquisa, a variante fonética do /r/, fricativa palatal [ʃ]. A partir da observação e análise dos dados coletados, será verificado

se a ocorrência da variante está ou não condicionada por elementos estruturais linguísticos e por fatores sociais. Labov (1974) enfatiza que a estrutura linguística é tão complexa quanto a estrutura social da comunidade na qual ela atua e tem funcionamento.

3.4 Codificação dos dados

A pesquisa foi realizada com base em análises quantitativas e qualitativas. A análise de parte dos dados coletados - a interpretação - sob a configuração da perspectiva qualitativa, visto se tratar de um estudo de caso. Nesse tipo de análise, de acordo com Ferreira (2011, p. 60): "O autor busca a compreensão dos fenômenos após o levantamento e análise da perspectiva interior dos participantes do estudo."

Para nos auxiliar na interpretação dos dados quantitativos e qualitativos, fez-se necessário realizar uma codificação dos fatores que expliquem as 159 ocorrências da variante (incluindo repetições de palavras) encontradas na fala dos informantes da comunidade do Livramento, como afirmam Scherre e Naro (2012, p. 158): "quanto mais detalhada a codificação, maior a possibilidade de múltiplas análises". Os pesquisadores também sugerem que sejam utilizados símbolos para cada variante da variável dependente e para as restrições sociais e linguísticas. Assim, codificamos a variável e a variante no quadro 1, os fatores sociais no quadro 2 e os linguísticos codificados no quadro 3:

Quadro 2: Codificação das variantes encontradas no *corpus*.

Variável dependente	Variantes	Descrição das variantes	Exemplo	Código
/r/	[ʃ]	Fricativa palatal	/ceʃtêza/	1
	[h]	Fricativa glotal	/forti/	0

Quadro 3: Codificação das restrições sociais

Grupo de restrições	Restrições	Código
sexo	Homem	h
	Mulher	m
idade	De 25 a 49 anos	j
	Mais de 50 anos	k
escolaridade	Até 4 anos de escola	x
	Mais de 5 anos de escola	z
exposição	Maior contato fora da comunidade	b
	Menor ou nenhum contato fora da comunidade	c

Para obter êxito na análise, Labov (1974) afirma que os fatores sociais devem ser associados aos linguísticos, no quadro abaixo, codificamos as restrições linguísticas que, associadas aos outros fatores, nos deram condições de prosseguir a análise.

Quadro 4: codificação das restrições linguísticas

Grupo de restrição	Restrições	Exemplos	Código
Classe de palavra	Verbo	cortar	v
	Adjetivo	forte	t
	Substantivo	lagarta	s
	Advérbio	perto	a

3.5 Hipótese de análise

Após a definição da variável dependente e dos fatores indicados para a análise do *corpus*, estabelecemos algumas hipóteses para a origem e que, conseqüentemente, atuam na frequência da fricativa palatal [ʃ] na comunidade estudada. Conforme sugerido por Labov (1972), características de ordem social e estruturais contribuem para a variação na fala dos informantes da comunidade de Livramento. Assim, fundamentados nos estudos prévios na área, acreditamos que os fatores selecionados sejam importantes para a interpretação da variante investigada. Com isso, esperamos evidenciar que a proximidade

com comunidades piauienses favorece o uso da variante no repertório linguístico da comunidade de Livramento e fatores linguísticos e extralinguísticos (idade, sexo, escolaridade e exposição) auxiliam na manutenção da variação na fala dos informantes.

3.6 Tratamento Computacional: Utilização do Programa GOLDVARB 2001

A utilização de programas para quantificar os dados tornou-se indispensável nas pesquisas sociolinguísticas, há também a possibilidade de realizar a quantificação em papel impresso, ficando a critério de cada pesquisador.

Entre as opções mais utilizadas está o programa VARBRUL ou pacote VARBRUL (PINTZUK, 1988) criado para medir o efeito conjunto dos diversos fatores das variáveis independentes que aceitam de duas a cinco variantes com uma variável dependente. Scherre e Naro (2012, p. 161) afirmam que os programas VARBRUL geram como produto final resultados numéricos associados aos diversos fatores dos grupos de restrições, que medem o efeito relativo de cada um deles no fenômeno variável pesquisado.

No entanto, para a nossa pesquisa, decidimos buscar um programa com mais inovações e que possibilitasse o uso no sistema operacional *windows*, produzindo resultados estatísticos para variáveis binárias, e para isso, utilizamos o GOLDVARB (RAND e SANKOFF, 1990). Esse aplicativo apresenta o mesmo formato de entrada de dados de outros programas, mas com maiores facilidades para o pesquisador.

Para utilizar o aplicativo GOLDVARB 2001, buscamos manuais e livros que tratassem do tema de forma didática, visto que o programa apresenta algumas particularidades. Feito isto, iniciamos o trabalho de organização dos dados para a execução do programa. Utilizamos os códigos que representam os fatores e as ocorrências encontradas.

Inicialmente, cada ocorrência codificada foi organizada e os grupos de fatores inseridos no programa *GROUPS*⁶. No programa *TOKENS*, cada caractere digitado deve seguir a ordem de relevância estipulada, pois se houver um código trocado ou alterado, o programa detectará o erro. O pesquisador pode escolher os símbolos que representarão os códigos. Como no exemplo abaixo:

(1	h	k	x	c	v	15	-	/ koʃtadu/
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓

variante restrições sociais restrições linguísticas dados do informante.

⁶Os programas *GROUPS* e *TOKENS* fazem parte do GOLDVARB 2001.

No fragmento de um arquivo de dados acima, temos as informações que serão inseridas e manuseadas pelo programa, digitadas em colunas que significam:

- 1) Na primeira coluna, obrigatoriamente, abre-se um parênteses que indica o início de um dado, se o pesquisador não o colocar, qualquer linha digitada ou símbolo será interpretado como um comentário;
- 2) Na segunda coluna, temos a codificação da variável, como a que estamos investigando é binária, utilizamos os símbolos 1 e 0, indicando presença e ausência, nesse caso há a variante fricativa palatal [ʃ]no lugar do [r];
- 3) Da terceira a sexta coluna estão os códigos que representam as restrições extralinguísticas. Temos assim, um informante do sexo masculino (h), com mais de cinquenta anos (k), com até quatro anos de escolarização (x) e com índice de exposição fora da comunidade baixo (c);
- 4) A sétima coluna corresponde às restrições linguísticas, no exemplo acima, temos a ocorrência da variante em um verbo.
- 5) Nas colunas subsequentes, temos o código que indica o informante e a partir de três espaços em branco, indicam o fim da codificação. As anotações a seguir são consideradas importantes pelo pesquisador, mas não são codificadas.

Seguindo com a inserção dos dados no aplicativo, verificamos se todos estão corretos através do programa *CHECK TOKENS*, caso não estejam codificadas corretamente, o programa mostra o fator e a linha onde o erro ocorreu.

Feito isso, seguimos para o programa *RESULTS*, que mostra os primeiros resultados estatísticos de ocorrência e porcentagens em relação às restrições linguísticas e sociais. No mesmo programa, temos a opção de ver o *input*⁷ e o Peso Relativo⁸, que informam sobre quais são os grupos mais favoráveis à variante através do *BINOMIALONE-LEVEL* e posteriormente o *STEPPING-UP*.

Por fim, utilizamos o programa *CROSS TABULATION*, para um cruzamento de resultados, com a finalidade de compreender quais das restrições realmente exercem

⁷ "O *input* é uma probabilidade que corresponde à medida geral de aplicação da regra, ajustada de acordo com o modelo. Funciona como um ponto de referência para o fenômeno variável, e o efeito de cada fator pode ser interpretado como uma medida do desvio deste ponto de referência associado ao fator." (SCHERRE e NARO, 2012, P.165)

⁸ O peso relativo indica a contribuição de determinado fator no uso da variante em questão. Como base para os cálculos é usado 0,50. Se no fator analisado o número for abaixo de 0,50, indica forte desfavorecimento da ocorrência da variante. (SCHERRE e NARO, 2012, P.164)

influência na variante, o que facilita o trabalho de interpretação oferecendo gráficos para a análise qualitativa.

Através do aporte teórico discutido até aqui e dos resultados fornecidos pelo programa GOLDVARB, pudemos verificar quais fatores se mostraram mais influentes na variante estudada, o que segue no próximo capítulo.

4. ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTATÍSTICA DOS DADOS

Para iniciarmos a análise, é necessário esclarecer, brevemente, o motivo de considerarmos a variante encontrada na comunidade de Livramento, uma palatalização. Entendemos, segundo Carvalho (2009) que a troca de [h] por [ʃ] ocorre porque a fricativa palatal [ʃ] localiza-se no campo das articulações secundárias. Assim, o primeiro ponto de articulação ocorre em algum outro lugar da boca, como é o caso do som do /t/ que pode ser palatalizado se, no momento da articulação, a parte anterior da língua se erguer em direção ao palato duro, geralmente ocorre com [tʃ] seguido de [i] /mɔʃtʃi/ (morte) ou como em algumas realizações do [h] por [ʃ] na comunidade de Livramento. Há, também, a ocorrência da variante seguida de [a] /qwaʃta/ (quarta) e [u] /moʃtu/ (morto) no repertório linguístico dos falantes.

Observa-se que a ocorrência da troca de [h] por [ʃ] faz-se presente em um contexto específico, acontecendo sempre antes de [t] ou [tʃ], não havendo registros de que ocorra em outros contextos, isso. Também, comprova-se nos estudos de Barros (2004), Taylor e Eddington (2006) e Carvalho (2009).

Nos resultados das amostras de fala dos informantes da comunidade de Livramento, encontramos a variante [ʃ] e a variável [h] em 117 (cento e dezessete) ocorrências computadas, não repetidas, sendo distribuídas da seguinte forma: 80 - ocorrência da fricativa palatal [ʃ] equivalendo a 68%, e 37 - não ocorrência [h] representando 31%. Os resultados relativos aos fatores linguísticos e extralinguísticos controlados são descritos abaixo por ordem de relevância.

4.1 Fatores Extralinguísticos

Para nossa pesquisa, o sexo foi uma das restrições mais importantes para verificar o fenômeno da variação, revelando-nos dados surpreendentes. Labov (1974) afirma que as mulheres tendem a utilizar e preservar mais que os homens a forma padrão, no entanto, são mais abertas às inovações da língua.

Quadro 5: Ocorrência da variação com base no fator sexo

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Feminino	59 / 81	72	0,54
Masculino	21 / 36	58	0,39
<i>Input: 0,698</i>			

Vários estudos sociolinguísticos (Mollica, Paiva e Pinto, 1989), (Scherre, 1996) e (Laberge, 1977) têm demonstrado que as mulheres usam, de preferência, as variantes socialmente prestigiadas e que preferem os usos tidos como padrão. No entanto, o que observamos no quadro 5, que representa a amostra, é uma maior utilização da variante por parte das mulheres. O que explica esse acontecimento é o fato de as mulheres estarem inseridas numa comunidade isolada, onde o contato com outras pessoas ou outras comunidades foi relativamente baixo.

Na comunidade de Livramento, as mulheres, em sua maioria, são donas de casa e agricultoras, as tarefas de fazer compras ou resolver questões que envolvam sair da comunidade são delegadas aos homens, que vão às feiras nas cidades próximas, e portanto, tem maior contato com outras pessoas de outras comunidades.

O *input*, ou média geral corrigida teve como resultado 0,698, esse resultado permite que diferentes análises do mesmo conjunto de dados possam ser comparadas da melhor forma. Como afirma Naro (2012, p.23): "Em princípio, o *input* mede a tendência de presença da variante sob estudo, abstraindo do efeito dos fatores".

Na restrição do sexo feminino, temos como peso relativo 0,54 indicando que há um favorecimento da contribuição deste fator para a ocorrência da variante fricativa palatal [ʃ], totalizando 59 realizações em [ʃ] e 22 em /r/. A frequência da variante atingiu 72% dos casos computados.

No fator sexo masculino, o número da ocorrência da variação linguística foi de 21 para [ʃ] e 15 para [r], calculando 58 % de frequência da variação encontrada nos dados. Mesmo com alta incidência de variação, os homens mostraram-se mais cuidadosos na fala, apresentando, em alguns momentos, casos nítidos de hipercorreção⁹, de acordo com Calvet (2002), isso ocorre porque o falante apresenta uma insegurança linguística por considerar seu modo de falar pouco prestigioso e passa a tentar imitar de modo exagerado as formas de prestígio, como exemplo a palavra "divertimento" (adivirtimento). Mesmo com pouca escolaridade, alguns dos informantes relataram que trabalharam fora durante alguns meses na juventude, e isso explica a hipercorreção, já que tiveram contato com outras comunidades de fala diferentes da sua de origem e tendem a falar mais parecido com o que julgam "correto".

O fato de 42% da amostra dos dados linguísticos dos homens não apresentar a ocorrência da variação em estudo atribui-se, também, ao nível de exposição que os

⁹ Trata-se de um fenômeno linguístico que corresponde à busca do uso correto que se eleva "acima da correção" de uma língua (DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA DUBOIS, 2002). Bortoni-Ricardo (2004, p. 28) completa: que a *hipercorreção* ou *ultracorreção* decorre de uma hipótese errada que o falante realiza num esforço para ajustar-se à norma padrão. Ao tentar ajustar-se à norma, acaba por cometer um erro".

mesmos têm fora da comunidade, como já relatado, são eles os responsáveis por irem às feiras e fazerem negócios nas comunidades vizinhas, o que os expõe a outras formas de falar diferentes da que estão habituados.

Em relação ao peso relativo, a restrição do sexo masculino obteve 0,39 - o que podemos inferir é que esse efeito abaixo de 0,50 pode ser interpretado como um potencial desfavorecimento da variante fricativa glotal [ʃ] em relação ao *input*, ou média geral corrigida, de acordo com o modelo logístico, segundo Scherre e Naro (2012). Assim, podemos concluir que o fator sexo masculino comparando-se pelo peso relativo, apresentou a tendência de usar menos a variante do que os outros grupos de fatores analisados.

Na restrição escolaridade, dois grupos foram criados, o grupo X (até 4 anos de escolarização) e o grupo Z (mais de 5 anos de escolarização), optamos por apenas dois grupos por se tratar inicialmente de um estudo de caso, com poucos informantes. Obtivemos os seguintes dados:

Quadro 6: Ocorrência de variação com base no fator escolaridade

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Até 4 anos	70 / 103	67	0,50
Mais de 5 anos	10 / 14	71	0,56
<i>Input: 0,687significância0,794</i>			

Os informantes com até 4 (quatro) anos de escolarização apresentam maior aparição da variante nas amostras de fala, encontramos 70 ocorrências da variação [ʃ] num total de 103 casos, indicando 67% de ocorrências positivas. Os informantes justificaram a baixa escolaridade por falta de oportunidades à época da juventude, em razão de não haver escolas no interior e a única forma de ser alfabetizado era através de aulas particulares custeadas pelos pais, que muitas vezes não tinham recursos suficientes, pagando apenas poucos meses de aula ou até que os filhos soubessem "assinar o nome".

Os americanos Taylor e Eddington (2006 apud CARVALHO, 2009), que verificaram a realização de [h] por [ʃ] em Piripiri-PI, afirmaram que o evento está associado à classe mais baixa e que tem menor nível de escolarização.

No entanto, entre os que disseram ter mais de 5 anos de escolaridade, a frequência da variante chegou a 71%, contabilizados 10 realizações em [ʃ] e, apenas 4 em [h]. Esses informantes retomaram os estudos depois de adultos ou desistiram nas últimas séries do ensino fundamental ou médio, por razões de trabalho ou porque tiveram filhos.

De acordo com Carvalho (2009, p.193) a variante não pode ser predominantemente associada a baixos níveis de escolaridade e zona rural, tendo em vista os dados da sua pesquisa sobre o dialeto piauiense, a qual confirmou que: "as pessoas de escolaridade média, equivalente ao ensino médio, realizaram o [h], como fricativa palatal [ʃ]".

Em relação ao peso relativo dos fatores, esses demonstram algo visto claramente na comunidade, os menos escolarizados apresentam maior variação no repertório linguístico, porém, a variante característica vem sendo pouco a pouco apagada. Entre os informantes com menos anos de escolaridade o peso relativo foi de 0,50, o que revela uma certa neutralidade na relação entre este fator em comparação aos outros.

Para os informantes com 5 anos ou mais de escolarização, o resultado foi de 0,56, ou seja, o peso relativo indica, neste caso, que os informantes da amostra com maior escolaridade apresentam, também, alta frequência da variante. Em relação à porcentagem, esse grupo demonstrou maior frequência que o grupo com até 4 anos de escolaridade. No entanto, esse resultado é destoante do que era esperado, haja vista os relatos de vários sociolinguistas, que afirmam que quanto maior a escolaridade, maior será o desejo de adequação linguística às normas consideradas prestigiosas pelos grupos aos quais o falante quer se identificar, (LABOV,1974).

Nos fatores Idade e Exposição fora da comunidade, na primeira rodada de análise do GOLDVARB, os resultados provocaram muitos *knockouts*¹⁰ que acontecem quando todas as ocorrências são destinadas e contabilizadas exclusivamente a um grupo de restrição, ou seja, quando um determinado grupo não apresenta variante 0% ou todos os elementos variantes pertencem ao mesmo grupo 100%. Assim temos nos quadros abaixo:

Quadro 7: Ocorrência de knockout no fator idade

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
25 a 49 anos	19 / 19	100	-
Mais de 50 anos	61/ 98	62	-

No grupo de restrição J (de 25 a 49 anos) ocorreu *knockout*, pelo fato de nenhum informante desta faixa etária ter utilizado a variável [h]. Todos os dados contabilizaram as realizações em [ʃ]. No grupo K (mais de 50 anos) houve 61 ocorrências de [ʃ] em 98 casos.

¹⁰*Knockout* ou *nocaut* é uma terminologia de análise do GOLDVARB (e também dos programas da série Varbrul) que segundo Guy e Zilles(2007, p.158): "[...] é um fator que num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente".

O procedimento aconselhável para prosseguir a análise, quando para um fator não há seu opositor, é a recodificação, uma vez que não há como realizar o cruzamento dos dados entre os fatores se um deles apresentar *knockout*. A sugestão dada é a retirada do grupo da rodada de análise, pois o programa trabalha apresentando pesos e frequências, que não são concluídas enquanto o problema persistir.

Ocorre o mesmo problema, também, no grupo de fator Exposição, observe-se o quadro abaixo:

Quadro 8: Ocorrência de knockout no fator Exposição

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Maior exposição fora da comunidade	0 / 37	0	-
Menor exposição fora da comunidade	80/ 80	100	-

A interpretação dos resultados nos mostra que os informantes que tiveram maior exposição, além da comunidade de origem, não apresentaram a variante em estudo, totalizando 0%; percebemos que este fator contribui para o desfavorecimento da variante, pois quanto maior o contato com o "exterior" da comunidade, maior a tentativa de adequação linguística às formas prestigiadas pelos grupos sociais. Quanto aos dados referentes aos falantes que vivem de forma mais isolada ou sem contato direto com outras comunidades, as análises revelam que de 80 casos computados nesta restrição, houve 80 realizações da variante, chegando a 100%.

Nesses casos de *knockout* registrados não há como prosseguir a rodada de análise no programa GOLDVARB 2001, para a correção do problema são recomendadas duas opções: 1) acrescentar um dado fictício nulo apenas para que o programa dê continuidade normalmente; ou 2) excluir da rodada o grupo de fatores em questão, visto que não apresenta um par opositor nos dados colhidos. Neste trabalho, optamos pela retirada da rodada de análises dos grupos de fatores: idade e exposição, momentaneamente, por considerarmos mais claro para interpretar os dados como um todo.

4.2 Cruzamento entre fatores

Em relação aos fatores sociais, constatamos, inicialmente, que os dados confirmam a disposição do uso da variante fricativa palatal [ʃ] entre as mulheres e informantes com mais e menos anos de escolaridade e baixa exposição fora da comunidade. No entanto, é necessário realizar o cruzamento entre os fatores para verificar se os agentes linguísticos e sociais atuam de modo isolado ou interligados. Na tabela abaixo, fornecida pelo programa *Cross Tabulation*, cuja função é visualizar a distribuição dos dados, percentagens e ocorrências da variante, podemos verificar a atuação dos seguintes conjuntos de fatores: sexo feminino (mulher -m) e masculino (homem - h) e escolaridade (x - até 4 anos de escolaridade e z - mais de 5 anos de escolaridade):

Group	1	m	m	h	h	Total	Total
2	App Value	Count	%	Count	%	Count	%
x	1	49	69	21	66	70	68
x		22	31	11	34	33	32
x	Total	71		32		103	
z	1	10	100	0	0	10	71
z		0	0	4	100	4	29
z	Total	10		4		14	
Total	1	59	73	21	58	80	68
Total		22	27	15	42	37	32
Total	Total	81		36		117	

Quadro 9: Cruzamento dos fatores sociais

Os resultados da tabela indicam que os fatores combinados: sexo feminino (m) com até 4 anos de escolaridade apresentam 69% da presença da variante nas amostras de fala, enquanto os homens, com o mesmo fator de escolaridade, têm 66% dos eventos da variante registrados. Confirmando a presença e frequência da variante [ʃ] entre os informantes com menos anos de escolaridade.

Já as mulheres, com mais de 4 anos de escolarização, apresentaram 100% de frequência da variação nas amostras coletadas, enquanto os homens, com o mesmo perfil, não apresentaram a variante, totalizando 0%. Este resultado das mulheres pode estar

relacionado a outros fatores como convivência com grupos de menor exposição fora da comunidade.

4.3 Análise dos fatores linguísticos

Prosseguimos a análise com os fatores linguísticos, no quadro abaixo, que ilustra os fatores que mais se sobressaem nos eventos da variação da fricativa palatal [ʃ]. O programa computacional fez uma seleção por ordem de relevância entre os fatores das classes de palavras que mais se manifestam nos dados.

Quadro 10: Ocorrência de variação nos fatores linguísticos

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso relativo
Verbo	19/22	86	0,73
Adjetivo	15/22	68	0,50
substantivo	35/55	63	0,43
Advérbio	11/18	61	0,39

Na análise dos dados linguísticos houve a predominância da classe de palavras dos verbos com 86% dos dados, com peso relativo de 0,73, o que indica a contribuição deste fator no uso da variante da fricativa palatal [ʃ] no lugar de [h]. Como nas realizações /koʃtãnu/ (cortanu- cortando), /ispehta/ (ispertá - espertar), /impoʃtu/ (importu - importo).

A probabilidade de ocorrência da variante nos adjetivos chegou a 0,50, sugerindo neutralidade. Exemplos dos fragmentos desses dados: /ceʃtu/ (certu - certo), /abeʃta/ (aberta), perfazendo um total de 15 eventos em 22.

A classe de palavras dos substantivos resultou em um total de 35 em 55 casos, e um percentual positivo para a variante de 63%, porém o peso relativo de 0,43 indica que a variante estudada não é tão favorecida neste fator.

Para os advérbios houve ocorrência de 11 em 22 dos dados, totalizando 61% e tendo como peso relativo 0,39, desfavorecendo o índice de ocorrência da variante fricativa palatal neste fator. Isso pode ser explicado pelo fato de ocorrerem menos registros de advérbios nos dados coletados.

Considerando o peso alto dos fatores linguísticos classe de palavras dos verbos e adjetivos, confirmamos que estas restrições juntamente com as restrições extralinguísticas, como: escolaridade e sexo interferem na frequência e maior ocorrência da variante [ʃ], como poderemos verificar a seguir, no cruzamento dos fatores.

4.4 Probabilidade de ocorrência da variante [j] nos grupos de fatores

Por meio do programa *Binomial Level 1*, foi possível verificar quais as probabilidades de ocorrer a variação entre os grupos de fatores. Para isso, o programa trabalha com nível de significância de 0,50, "em razão do resultado das análises terem sido gerados por programas para variantes binárias", segundo Scherre e Naro (2012, p.164). Foram correlacionados 14 grupos de fatores, desses, 7 apresentaram maior elevação em probabilidade: mxv (mulher, menos escolarizada, verbo), mxt (mulher, menos escolarizada, adjetivo), mxs (mulher, menos escolarizada, substantivo), mxa (mulher, menos escolarizada, advérbio), hxv (homem, menos escolarizado, verbo), hxt (homem, menos escolarizado, adjetivo) e hxs (homem, menos escolarizado, substantivo). A observação dos agrupamentos encontra-se no gráfico *SCATTERGRAM*, abaixo, que demonstra a distribuição das variáveis correlacionadas, e lê-se da seguinte forma: quanto mais perto da linha, mais propício é o grupo à ocorrência da variante em estudo. No gráfico abaixo é possível notar os 7 grupos citados próximos à linha.

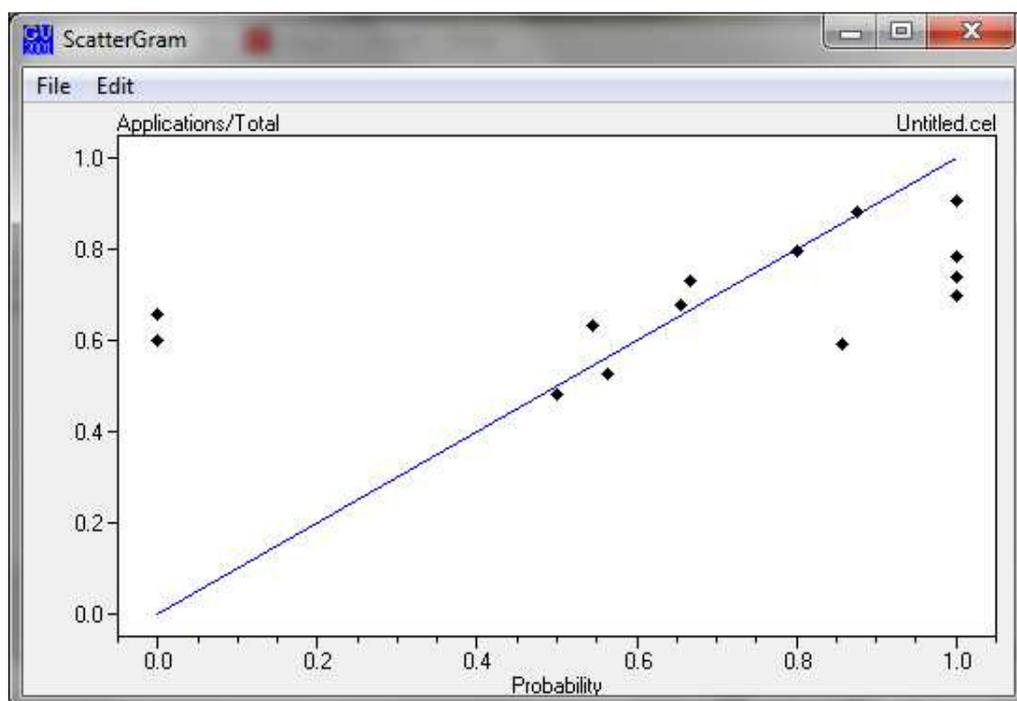


Gráfico 1: Distribuição dos grupos fatores correlacionados

Além do gráfico *Scattergram*, o programa oferece os dados numéricos para que possamos relacionar a distribuição dos grupos no gráfico: quanto maior a aplicação, maior

a probabilidade de ocorrência da variação. Na descrição abaixo, estão destacados os 7 grupos principais citados:

Grupos	Total	Aplicação	Esperado	Erro
mzv	1	1	0,908	0,101
mzt	1	1	0,784	0,276
mzs	5	5	3,688	1,779
mza	3	3	2,098	1,289
mxv	16	14	14,098	0,006
mxt	12	8	8,764	0,247
mxs	32	21	21,672	0,064
mxv	11	6	6,982	0,378
hzt	2	0	1,318	3,863
hzs	2	0	1,199	2,993
hxv	5	4	3,989	0,000
hxt	7	6	4,134	2,057
hxs	16	9	8,444	0,078
hxa	4	2	1,922	0,006

Podemos concluir, a partir desses dados, que os grupos de fatores que representam a amostra mulheres, menos escolarizados, associados aos fatores linguísticos verbo, adjetivo, substantivo e advérbio têm mais probabilidade de ocorrência de variação, ficando em maior evidência os grupos (mxs) e (mxv). Entre os grupos de homens estão os menos escolarizados associados aos fatores linguísticos substantivos, adjetivos e verbo. No entanto, o que aparenta mais força é o grupo (hxs).

4.5 Tópicos da entrevista que mais favoreceram o aparecimento de [ʃ]

Neste trabalho, obtivemos melhores resultados nas narrativas relacionadas aos seguintes tópicos: formação da comunidade; constituição da família do informante; acontecimentos festivos na comunidade; trabalho e agricultura e benefícios sociais garantidos pelo governo ou associações.

No tópico formação da comunidade, os informantes, geralmente, contavam o que lembravam da época, como as primeiras construções foram feitas. Abaixo temos dois trechos na narrativa da informante 11, sobre a origem da comunidade, em que surge a variante:

Informante 11:

F11: Aí ele disse... Zé piqueno, eu..eu arrumei a terra cum meu pai, arrumei quatu tarefa que meu pai deu um quadru, pra nói fazê, formá a feira.

F11: Rapaz! logo no outo dia eles já cumeçaram em ação (...) ai marcaro dia e botara feira po dia de sexta depois num deu /**ceftu**/ (certo)...

F11: (...) e os trabaiaadô, as ropa era interessante, os trabaiaadô, as camisa era de saca de... aquela saca de estopa, eles /**coftava**/ (cortava) a cabeça de um lado e douto e vistia a saca de estopa e trabaiaava (...)

Neste tópico, a pesquisadora percebeu que para captar a variante poderiam ser feitas as perguntas: *E o terreno, quem doou? Ao relatar sobre a doação da terra, os informantes diziam ter muito mato "cascudo" e que eles /coftaram/ pra formar a feira.*

No tópico sobre as famílias, as questões relacionadas ao nascimento dos filhos fizeram surgir a variante, como nos trechos da conversa entre a pesquisadora (P) e a informante 01:

Informante 01:

P: A senhora nasceu aqui?

F01: Eu nasci no sitio, bem aqui /**peftin**/ (pertinho) sítio Penedu,

P: Vou até anotar aqui, sítio Penedo

F01: nesse tempo num tinha hospital pras muié ir ganhá não, era em casa mermu era as /**paftêra**/ (parteira) (...)

F01: Nesse tempo tinha as /**paftêra**/ (parteira) e tinha muié que ganhava ai mermu, oxe quando vinheram atrás da /**paftêra**/ (parteira) num deu mais tempo levá pa canto nenhum não, foi em casa (...)

Em relação ao trabalho no campo, os informantes relataram as dificuldades das plantações sobreviverem em períodos de poucas chuvas, e as causas de não ter uma boa colheita no ano corrente. No trecho seguinte a informante 02 explica a invasão das pragas na plantação da família:

Informante 02:

F02: Assim, quem jogou, jogaram veneno nos feijão tiraram, ainda tirou umas bajinha, mas quem num ligô num tirô não purque a /**lagafta**/ (lagarta) botaro quente

P: Eita, e as bichas tava era ... dizem que toda roça tinha,

F02: Oxe, tinha, os capim acabaro,

P: Até os capim?

F02: Dos capim passava po legume! ai...

P: Eita, ela é uma parecida que nem é de fogo?

F02: É, é só, é parecida mas ela tem uma diferença porque ar de capim elas são bem fininha véa, e elas caminha tip´assim, sei lá, é cada bicha fêa,

P: Verde?

F02: Não, verde... ela é uma cinzentinhavéa,

P: Ixe, é uma praga mermo,

F02: É, aquela ali é a pior

(...)

F02: Quando tem **/lagajta/**(lagarta) de inverno ela anda na roça porque é o jeito (...)

Continuando a entrevista sobre o tópico trabalho, o Informante 15 narra as histórias sobre o seu trabalho de coveiro e agricultor:

Informante 15

F15: Eu sempre tive vontade de ir me imhora pro Ouricuri, mas... (...) quando eu trabaiava ali no ginásio, quando a prefeita perdeu que eu sai, eu disse, se eu tivesse um estudin eu ia me imhora pro Ouricuri pra caçar um emprego por lá numa funerária, p´eu trabaiá lutando com **/mofto/** (morto)..

P: E é?

F12: Ai, Chica disse, pois tu vai só...

(...)

P: Ai, o senhor sempre trabalhou de agricultor?

F12: Sempre, desde piqueno, aí quando foi pra ela ir aposentar, ela deu minha **/cajtêra/** (carteira) profissional e (incompreensível) disse qu´les riviraram a **/cajtêra/**, mar minino uma **/cajtêra/** dessa idade nunca, nunca trabaiô fichado? não nunca trabaiei, naqueles tempo, é..

F12: Naqueles tempo véi fêi, que foi feita aquela estrada véa ali, (incompreensível) foi de 76, eu trabaiei muito lá, mas naqueles tempo num tinha negócio de fichar **/cajtêra/** (...)

No tópico sobre acontecimentos festivos na comunidade, verificou-se também a ocorrência da variação estudada, como no relato do informante 09, sobre as festividades anuais e o impasse entre juntar ou não as festas religiosas às profanas:

Informante 09

F09: (...) é porque, uns quer dum jeito e outros quér de outo, agora que... tem um jeito ai, com negócio de **/adiviftimento/** (divertimento), negócio de banda e essas coisas... não pra nós tanto faz como tanto fez, é uma coisa só, mas num é todo mundo porque todos dedo num são igual

P: Os jovens mermo, querem banda né,

F09: É, os jovens precisa do **/adiviftimento/**, ainda tem véi que é fogoso ainda,

P: É,

F09: Aqui num tem não, mais puraf afora, quando tem uma festa ali em Santa Filomena mermo, se vê véi se penerar em festa ali que a gente imagina como ele segura pelo meno em pé.

(...)

F09: Aqui eles querem cumeçá uma festa com o oio no bolso do povo, num é isso, pur exemplo a gente vai festa, ai não tem a novena, não tem a missa, antes dos **/adiviftimento/**, todo mundo foi, assistiu a novena, assistiu a missa, deu sua esmola ao santo, fez a obrigação.

F09: Quando passou aquele momento ali todo mundo tá liberado, pronto ai..ai pronto, ai se fosse a festa antes da novena, antes da missa acabava o, a renda da igreja, mas a renda da igreja é primeiro do que a festa e **/adiviftimento/**.

Uma curiosidade acerca do uso da variante, surpreendente para nós, foi a verificação da ocorrência de [ʃ] em substantivos próprios. Dois dos informantes apresentaram a variante em nomes de pessoas citados durante as narrativas de experiências pessoais. A seguir, um trecho onde é possível verificar o evento, a informante 02 está preparando alguns lanches para enviar para o sobrinho que mora no sítio:

Informante 02:

(...)

F02: Oh! Natália já levô o dela, esse aqui é de Paulo **/Robefto/** (Paulo Roberto), dois pacote de leite e... tem dois pacote de miojo ai, um de Paulo **/Robefto/** e um de Natália

(...)

F02: Ela já levou a lata de mucilon de Natália, essa lata de mucilon é de Paulo **/Robefto/**.

Outro caso de apresentação da variante em substantivos próprios ocorreu no relato do informante 15, ao contar como escolheu o terreno para a construção da sua casa e sobre a construção das cisternas obtidas pelo governo federal:

Informante 15:

F15: Ainda ontem nós trabaiano ali, os mininu... fazendu as praca dos terren..oh! das cisterna, ai os minino, os pedreiro disse, rapaiz! um terreno desses aqui quanto já vale?

F15: Esse pegado mermo ai na casa de /**Fu**stuoso /(Furtuoso).

(...)

P: Aí, vão começar a construir que dia as cisternas de vocês?

F15: Acho que vai ser semana que entra.

P: Tão vindo de lá pra cá é?

F15: Não, é purquê lá é outo, esses aqui eles pegaro seis cisterna pr'eles fazê

P: Hurum

F15: Aí fizemo as praca das cisterna de Nenên, ai fizemo de nós, hoje fizemo na casa de /**Fu**stuoso /(Furtuoso), que é o pai de Nenên (...)

Entre outros tópicos de entrevista, esses foram os que mais renderam realizações da variante pesquisada com facilidade, onde os informantes sentiram-se mais confortáveis em contar suas histórias e contribuir positivamente para a pesquisa. Em casos como este de variação em nível fonológico, durante alguns minutos de conversa já é possível verificar a ocorrência ou não da variação. No decorrer da conversa, o informante direciona a atenção para a narrativa, não polindo a linguagem, favorecendo eventos em que a variante surge naturalmente.

4.6 Fechando a análise

O exposto até aqui revelou que, na comunidade de Livramento, há a presença de 01 (uma) variante para a variável dependente [h], representada ortograficamente por **r**, e que esse fenômeno ocorre também na fala de comunidades piauienses próximas ao município onde a comunidade está localizada.

Das variáveis selecionadas, 01 (uma) é variável linguística e 04 (quatro) são sociais. Os resultados apontaram que das classes de palavras, os verbos e adjetivos foram

os fatores mais influentes na produtividade da fricativa palatal [ʃ]. Dentre as sociais, analisadas pelo programa GOLVARB, sexo e escolaridade confirmaram-se como influenciadores do mecanismo de variação linguística.

Através dos resultados, verificou-se que o contexto fonológico favorável à realização da variante é sempre a posição de [t] posterior a [r]. As vogais seguintes a [t] que favorecem o contexto fonológico são [a], [i] e [u]. Para Carvalho (2009), esse contexto é favorecido pela presença das vogais altas [i] e [u].

Um fato importante a ressaltar, é que embora o programa GOLDVARB 2001 não tenha dado continuidade à rodada de análise dos fatores idade e exposição fora da comunidade, a análise desses grupos foi realizada apesar dos *knockouts*, por isso, contou-se, apenas, com as frequências e alguns pesos relativos dos grupos que não foram *knockouteados*.

Com relação às variáveis extralinguísticas, pôde-se verificar que o uso da fricativa palatal é mais produtivo nos grupos com maior faixa etária, o que nos leva a concluir que a variante na tendência evolutiva está diminuindo e até desaparecendo nos grupos de menor idade da comunidade. Entre os grupos de exposição, o que se destacou foi o que corresponde às pessoas que foram menos expostas aos limites geográficos da comunidade, ou seja, os que passaram toda a vida na comunidade e com pouca interação com pessoas de outras localidades. Assim, o avanço da variação está totalmente comprometido, em razão da exposição atual da comunidade, não só por outras pessoas, mas, principalmente, pelos meios tecnológicos como televisão, telefone e internet, os quais a maioria dos falantes já tem acesso facilmente, ocasionando a adequação linguística inspirados nesses meios de comunicação.

Quanto à variável sexo, as distinções na fala feminina e masculina estão ligadas à construção de identidades, bem como os papéis desempenhados pelos indivíduos no contexto social. Contribui para isso, o fato da língua ser um fato social, a sociedade estabelecer determinados comportamentos específicos para homens e mulheres e a língua tornar-se um reflexo dessas distinções pré-estabelecidas.

Mesmo que as pesquisas labovianas indiquem que mulheres tendem a fazer menos uso de formas estigmatizantes que os homens, verificamos que o uso da variante fricativa palatal [ʃ] é mais produtivo no grupo feminino e, como já relatamos, isso justifica-se pelo papel social de "dona de casa" da maioria das mulheres pertencentes à comunidade, tendo portanto, pouco ou nenhum contato com outras formas linguísticas.

Por fim, a variável escolaridade apontou que quanto maior o nível de estudo, maior foi o uso da variante. O grupo com menos anos de escolaridade apresentou menor frequência da variação linguística analisada.

Os resultados permitem afirmar que as variáveis extralinguísticas têm grande influência na preservação da variante fricativa palatal [ʃ] encontrada na fala dos informantes de Livramento, e que esta não é aleatória, ocorrendo sempre num contexto específico antes de [t] que não compromete o entendimento e significado das palavras, comprovando, assim, como já mencionado por Labov (1974), que sempre há uma sistematicidade na heterogeneidade da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisou-se a variante fricativa palatal [ʃ] no lugar de [h] na fala dos informantes da comunidade de Livramento - Santa Filomena - PE. Os objetivos para nortear este estudo foram, em primeiro lugar, investigar a origem da variação linguística e os possíveis fatores (linguísticos e extralinguísticos) que contribuem para a ocorrência da variante e, que tipo de condicionamento fonológico a favorece, verificando, também, a tendência evolutiva desta variação.

De início, tentou-se fazer um resgate do falar da comunidade, estabelecendo a ligação entre o falar piauiense, que também apresenta a variante estudada, cujos municípios fazem fronteira com o município onde a comunidade está localizada. Como relatado no capítulo sobre as informações sócio históricas, a formação e colonização do estado do Piauí contou com a contribuição de pernambucanos, baianos e paulistas, estes tendo maior participação de acordo com os registros históricos. Diante disso, defende-se a ideia de que a fricativa palatal [ʃ] realizada no lugar de /r/ no falar piauiense e na comunidade pernambucana vizinha tenha origem nessa mistura de dialetos dos primeiros colonizadores.

Na investigação sobre os condicionamentos fonológicos que favorecem a variante, baseado nos dados colhidos por meio da fala espontânea, confirmou-se que para haver a substituição de [h] por [ʃ] na palavra, o segmento sonoro seguinte deve ser o [t], em toda a análise não foi configurado outro contexto que favoreça a variação que não este. Em pesquisas abordando o mesmo fenômeno, também não houve registros em outros contextos fonológicos.

A variável dependente [ʃ] foi mais produtiva no *corpus*, correspondendo a 68% dos dados analisados. Esses resultados são condicionados por fatores linguísticos e sociais. Dos 14 (quatorze) grupos de fatores formados, exceto o que corresponde a variável dependente, 08 (oito) foram selecionados pelo programa Goldvarb. Entre as variáveis sociais rodadas no programa, 02 (dois) apresentaram maior relevância para o fenômeno estudado: idade e escolaridade. As mulheres usam mais a fricativa palatal que os homens, como já mencionado, devendo-se ao modelo de papéis sociais adotados pela comunidade a qual pertencem. Os estudos sociolinguísticos têm indicado que mais anos de escolaridade favorece o uso da variante de prestígio, porém, na análise dos dados obtidos das amostras de fala dos informantes, verificou-se um aumento do uso da variante entre os informantes mais escolarizados. Talvez pela amostra pequena de informantes esses dados tenham

resultados divergentes das pesquisas similares. Mas no caso dos informantes da comunidade, chegamos à conclusão que utilizam a variação como forma de afirmação de identidade e pertencimento ao grupo familiar, mesmo tendo mais estudos que os demais, como afirma Labov (2011), ao dizer que esses falantes passam pelo processo de acomodação linguística, quando as atitudes e comportamentos do falante são influenciados por um conjunto de normas estabelecido por outros falantes, esses outros constituem, para ele, um grupo de referência.

Entre os grupos que não foram rodados no programa Goldvarb, por problema de *Knockout*, idade e nível de exposição, fez-se necessário considerá-los tendo em vista o número gerado de ocorrências da variante nesses fatores. No fator idade, a variante [j] surgiu com maior força entre os informantes com menos de cinquenta anos, aparecendo em 100% dos casos, mas em termos de número de ocorrências foi mais adotada entre os informantes de maior idade, no entanto, em termos de porcentagens foi inferior apresentando 62%. O grupo de fatores de nível de exposição fora da comunidade expressou algo de muita importância para a tendência evolutiva da variante estudada, os informantes com pouco ou nenhum contato fora da comunidade apresentaram a variante na fala, enquanto os que foram mais expostos, seja por trabalho, escola, ou viagens não usam a variante. Com isso é possível concluir que a origem geográfica e a permanência na comunidade colaboram para a manutenção da variante na fala desses informantes.

Esse fato pode contribuir para a diminuição ou até mesmo o desaparecimento desta variação, visto que, atualmente, os estudantes do ensino médio e cursos profissionalizantes saem, todos os dias, da comunidade em direção à cidade, recebendo assim, interferências da fala de diversas pessoas. Outro fator que pode estar contribuindo para a diminuição e até estigmatização da variante [j] na comunidade é o acesso facilitado aos meios de comunicação como telefone, televisão e internet já utilizados pelos membros da comunidade. Bagno (2007) corrobora que a estigmatização tem relação com os valores atribuídos a quem fala a variação, no caso da comunidade, essas pessoas que não tiveram contato com outras formas linguísticas são avaliadas por alguns membros da comunidade como ignorantes ou "descuidadas" por não seguirem o "correto" modo de falar.

Um exemplo que ilustra de forma significativa a importância do fator exposição, na realização da pesquisa: duas das mulheres que participaram são irmãs, uma não "sofreu" tanta exposição, tem filhos em outras cidades, mas não tem o desejo de deixar a comunidade e apresenta variação na fala. A outra, mora também na comunidade, mas foi parteira durante muitos anos, convivendo com médicos e enfermeiras da cidade vizinha

em razão de acompanhar as pacientes até o hospital e ser necessário fazer relatos da evolução do trabalho de parto, esta não apresenta a variante e percebe-se claramente a adequação linguística ao grupo de trabalho ao qual pertenceu durante anos. Com isso, conclui-se que o fator exposição tem grande influência na variante estudada, comprovando, assim, o fato de pesquisas sociolinguísticas demonstrarem que alguns comportamentos fonéticos da fala de uma comunidade são afetados por questões do âmbito social. Conforme Bagno (2007), o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização, que no Brasil, está relacionado ao *status* socioeconômico, onde os melhores empregos e postos de comando da sociedade pertencem às pessoas com nível maior de escolarização.

Com relação aos fatores linguísticos, mesmo os substantivos tendo maior número em ocorrências, com maior percentual, observamos que os verbos têm maior influência na variante, alcançando peso relativo alto. As ações narradas pelos informantes nas entrevistas ou mesmo na conversa informal contribuem para o surgimento de verbos e, portanto, da variante linguística. Para Câmara Jr. (2002), os verbos possuem valor dinâmico de sua significação, expressando a realidade contextualizada no tempo, conseqüentemente, tornam-se mais presentes na fala. As outras classes de palavras analisadas na pesquisa apresentam a variante, mas com peso relativo neutro ou baixo, indicando menos produtividade no *corpus* analisado.

Por meio desses resultados, confirma-se a hipótese inicial de que os fatores extralinguísticos estão relacionados diretamente à variante [j], principalmente os fatores sexo, idade e exposição demonstraram contribuir fortemente para a frequência da variação na fala dos informantes. Refutamos a hipótese de proximidade de comunidade quilombola, visto haver outras comunidades piauienses, não remanescentes, que utilizam a variante e são próximas à comunidade analisada. Também confirmamos a contribuição de fatores linguísticos para o evento da variação, uma vez que os verbos apresentam mais probabilidades que outras classes de palavras e o condicionamento fonológico na disposição do /t/ posterior a posição da variante estudada.

Com base nos dados coletados e analisados associados à observação empírica, verificamos que mesmo com as condições favoráveis, a variante está regredindo, em um *continuum* de recuo, estagnação ou progresso, classificamos seu estágio em regressão. Por mais isolada que seja a comunidade em termos geográficos, os elementos tecnológicos chegam e, inevitavelmente, a mudança acontece. Os mais jovens apresentam pouco ou nenhum evento da variante [j], em razão de estarem em contato direto com formas

prestigiadas que excluem aqueles que não se adequam, restando aos mais velhos a manutenção do repertório linguístico aprendido com seus pais em um tempo onde a informação circulava bem lentamente. Os que mantêm na fala a forma variante, como forma de afirmação identitária, não são vistos com bons olhos por aqueles que se adequaram às novas formas de falar. Apesar de muitos falantes da comunidade ainda apresentarem a variante, é perceptível que há um estigma em relação a esses.

Assim, diante dos resultados de uma pesquisa, que não são definitivos, acabam por suscitar novas hipóteses, questionamentos extras acerca do objeto de análise, limitações da pesquisa, tendo em vista o fato das gravações serem realizadas em ambientes naturais (casa dos informantes), o que de certa forma, nos priva de captar com maior riqueza de detalhes a fala, em comparação com dados gravados em equipamentos profissionais de emissoras de rádios, por exemplo, esperamos que os resultados originem grandes contribuições para a área da sociolinguística, pois, certamente ainda há muito a pesquisar, sobretudo ir além de considerar "errado" as realizações de *porta* por /po[j]ta/ e *corto* por /co[j]to/, descobrindo que é uma forma completamente natural, realizada tão naturalmente entre os falantes que se os ouvidos não estão atentos impossibilitariam a distinção entre /r/. Somente o pesquisador, com o intuito de verificar a fala, nota com facilidade as ocorrências.

Portanto, espera-se que este trabalho possa contribuir com pesquisas sobre a fricativa palatal no lugar da fricativa glotal, acrescentando informações para novas pesquisas Brasil afora, visto que essa variante já foi documentada em outras regiões além do Nordeste, possibilitando a análise de outros aspectos que rodeiam e constituem esta variante. Acreditamos que somente através de muitas pesquisas e dados diversos é possível verificar e comprovar as múltiplas facetas do nosso português brasileiro.

Por fim, o campo da sociolinguística é uma área frutífera de estudos no Brasil, oferecendo, de fato, diversas possibilidades de investigação. Posteriormente, como continuidade desta pesquisa, interessa-nos o estudo da variação linguística na escola, investigando os usos da variante linguística [j] e a variante de prestígio, para buscar respostas sobre como a escola lida com essa realidade.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 6.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

AMARAL, A. **O dialeto Caipira**. São Paulo: HUCITEC-SCETCEC, 1976.

AMARAL, L. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e superação. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

BAGNO, Marcos. Nada na Língua é por Acaso, por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz**. 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BARROS, Luiz Egito de Souza. **A neutralização entre os fonemas /r/ e /ʃ/ no falar de Teresina- PI**. Fortaleza: CE, 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística). UFC.

BAXTER, Alan & LUCCHESI, Dante. **A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. Estudos Lingüísticos e Literários**, n.19. 1997.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da Linguística. In: **Problemas de Linguística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1963.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo pra cidade, estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. **Nós chegemu na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALVET, Jean-Louis. **Sociolinguística: Uma introdução Crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 2002.

CARVALHO, L. S. **Róticos em posição de coda: Uma análise variacionista e acústica do falar piauiense**. 2009. TESE (Doutorado em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CYRANKA, L.M. (2008), **A crença de professores e alunos de português em escolas públicas de Juiz de Fora-MG**, In: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (orgs.), *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, p. 170-191.

DA HORA, Dermeval e MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *Enfraquecimento e apagamento dos róticos*. In: **Teoria Linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 114-43.

DA HORA, Dermeval (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: UFPB, 2004.

DUBOIS, Jean et alli. **Dicionário de linguística**. 16^a ed. São Paulo: Cultrix, 2011. 653 p. (Publicado originalmente em francês, sob o título *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1973), [trad. Frederico Pessoa de Barros, GesuínaDomenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elisabeth Leuba Salum, Valter Kehdi.].

FARACO, Carlos Alberto. **Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Parábola, 2002. p. 37-61.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro globo**. 31. ed. São Paulo: Globo, 1993.

FERREIRA, Gonzaga. **Redação científica: como entender e escrever com facilidade**. São Paulo : Atlas, 2011.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 2a. ed.. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.^a ed. Rio de Janeiro,Zahar, 1982.

GUMPERZ, J. The speech community. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. London, Macmillan, 1968.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental da análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____ (2001) **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas**. *Abralin*. Disponível em http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf.

HYMES, Dell. Models of the Interaction of Language and Social Life. In: PAULSTON C. B. & TUCKER G. R. (eds). *Sociolinguistics: the essencial readings*. Oxford: Blackwell Publ.

HUDSON, R. A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

ILLARI, Rodolfo. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos** / Rodolfo Illari, Renato Basso. 2^a. ed. - São Paulo : Contexto, 2009.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. 1966. **The social stratification of English in New York City.** Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics

_____. 1972. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.

_____. 1983. **Modelos sociolingüísticos.** Tradução espanhola de Jose Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Catedra.

_____. 1984. Field methods used by the project on linguistic change and variation", dins. In: BAUGH, J. & SHERZER, J. (eds.) **Language in use: Readings in sociolinguistics**, Englewood Cliffs: NJ Prentice-Halle.

_____. 1994. **Principles of linguistic change.** Cambridge: Blackwell, v.1, Internal factors.

_____. 1996. **Principios del cambio lingüístico.** Madrid: Gredos.

_____, WEINREICH, Uriel & HERZOG, Marvin. 2006. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística.** Tradução para o Português de "Empirical foundations for a theory of language change" (1968), Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LE PAGE, R.B. **Projection, focusing and diffusion.** York papers in linguistics, 1980.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**, 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste** (Alagoas e Pernambuco). Companhia Editora Nacional, 1945.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2012.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOURA, Maria Denilda. . (org.). **Variação e ensino.** Maceió: EDUFAL, 1997.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). **Garimpo das Origens do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí.** 2.ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. v. II e IV.

_____. **Devassamento e Conquista do Piauí.** Teresina: COMEPI, 1972.

PAIVA, Maria Conceição de. **A variável gênero e sexo.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.* São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-50.

PATRICK, Peter L. The speech community. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (eds.) *The handbook of language variation and change*. Oxford UK: Blackwell. p. 573-593. 2002.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline. **Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SÁ, Edmilson, José de. **Variação do /L/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)**. 2007. (Dissertação de Mestrado) Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: **Linguistics: the Cambridge survey**. Frederick J. Newmeyer (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. Variables Rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert e LABERGE, S. (1977). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter. 1988.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 9 ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, IzidoroBlikstein. São Paulo: Cultrix, 1972.

SEVERO, Cristine Gorski. **Por uma Perspectiva Social da Dialógica da Linguagem: repensando a noção do indivíduo**. Tese de Doutorado, UFSC. 2007.

TAYLOR, Michael and David Eddington. *Negative Prestige and Sound Change. A sociolinguistic study of the assibilation of /· / in Piauí Portuguese*. In: **Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistic Symposium**, ed. NuriaSagrra and Almeida Jacqueline Toribio, 320-325. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. TEYSSIER.

TANNEN, Deborah. *You just dont't understand: women and men in conversation*. new York: William Morrow and Company Inc., 1990.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction**. Middlesex, England: Penguin Books, 1974.

WARDHAUGH, Ronald. Speech communities. In: *An introduction to sociolinguistics*. 4a. ed. UK: Blackwell, 2002. p. 116-129.

WEEDWOOD, Barbara. **História Concisa da Linguística** / Barbara Weedwood; [trad.] Marcos Bagno. - São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi.- 3. ed. 2005.

ANEXOS

Roteiro para estudos e análise quantitativa com GoldVarb 2001

DianaPilatti Onofre
dianapilatti@hotmail.com

Este roteiro tem como objetivo nortear acadêmicos do Cursode Letras (e áreas afins) quanto aos estudos Sociolinguísticos utilizando o programa GoldVarb 2001. Partindo de orientações simples e práticas de como abrir, localizar e inserir informações no programa.

GoldVarb2001 é uma versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul- do inglês *Variable Rules Analysis*, “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUYeZILLES, 2007, p. 105).

O programa foi desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação. (ROBINSON,LAWRENCE &TAGLIAMONTE, 2001)

Por ser uma plicativo.exe (executável) não necessita de instalação ou de outros programas para complementá-lo.

Os resultados da análise obtidos através do GoldVarb 2001, são evidências que permitirão ao pesquisador confirmar ou não sua hipótese inicial. Assim, se um grupo de fatores não é significativo, a hipótese é rejeitada/ se um grupo de fatores é significativo, mas os fatores que influenciam o fenômeno estudado não agem como o previsto, a hipótese também é rejeitada/se um grupo de fatores é significativo e a influência dos fatores é como prevista, a hipótese foi confirmada.

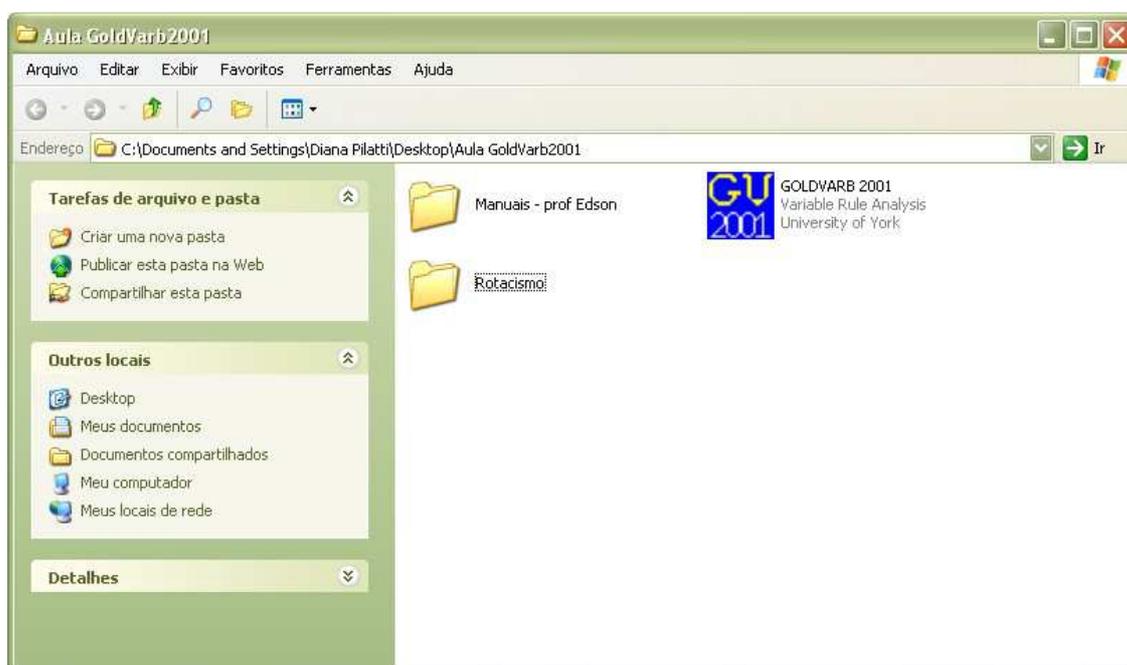
Antes de começar...

Salve o aplicativo GoldVarb2001 em uma pasta e crie sub pastas para salvar os resultados obtidos através do programa. Ao renomear as subpastas,você pode usar o nome da variedade pesquisada, por exemplo:“plural do SN”ou “pronúncias de[s]”,

para este exercício nossa pasta se chamará “rotacismo” e será exclusiva para este trabalho.

O GoldVarb2001 oferece a opção "salve as" em todas as janelas, porém recomendamos salvar os grupos de fatores em um documento de texto (Word ou outro de sua preferência), pois se um imprevisto ocorrer e o aplicativo GoldVarb2001 fechar, você não perderá tudo.

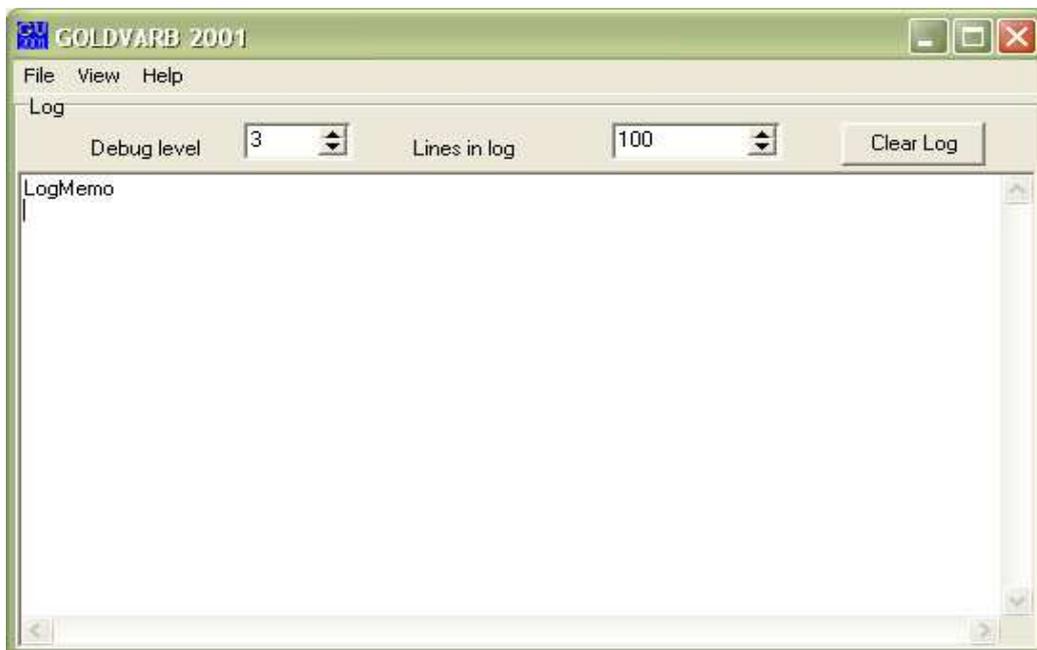
Ao salvar os resultados obtidos pelo programa certifique-se em direcioná-los para a pasta específica, assim será mais fácil abri-los novamente, caso necessite rever algum ponto.





Passo a passo GoldVarb2001

Ao abrir o aplicativo, você verá a janela inicial doGoldVarb2001:



Inserindo códigos/fatores:

Na Janela principal clique em **View** e depois em **Token** esta janela abrirá:



Na janela token, clique em **File** e depois em **New**.

Digite os códigos/fatores.

Não esqueça de iniciar sua codificação com parênteses aberto / não há necessidade de fechá-lo.

Na janela token inserimos os dados codificados.

Para facilitar a identificação do fenômeno linguístico que se referem a códigos, é possível, após cada sequência de códigos, dar três espaços e digitar o fenômeno (não use Tab). Então teremos:

```
(2sd31mb1r
(2sd31mb1r
(2vd32mb1r
(2vt42mb1r
(2st47mb1r
(2st47mb1r
(2sd34mb1r
(2sd35mb1r
(2sd35mb1r
(2sd35mb1r
(2st41mb1r
(2st36mb1r
(2sd32mb1r
```

(2sd31mb1r
bardi(2sd32mb1r
farta (2vd32mb1r
murta

A inserção deste tipo de informação só é possível por que o GoldVars somente lê dados que se iniciam por (parênteses aberto).

Salve dos dados digitados: Janela token: **File > Save as...**

Direcione para a pasta específica, criada no início do exercício.

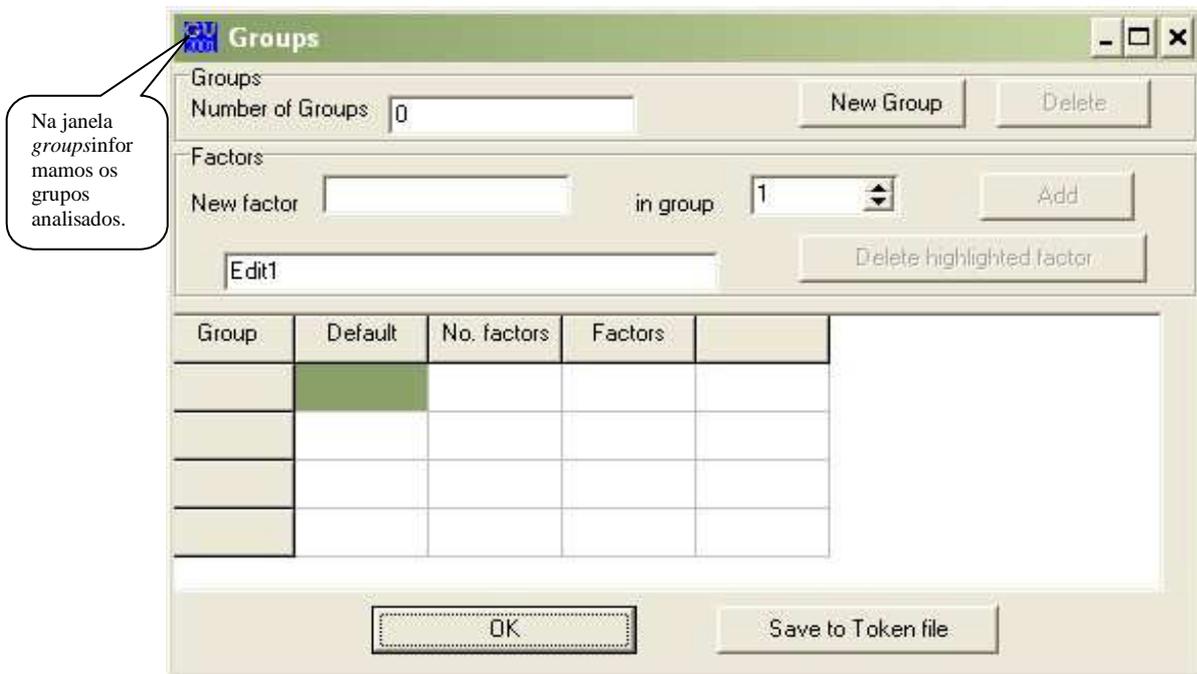
Agora que já digitamos nossos códigos, vamos informar para o programa quais grupos de fatores serão analisados:



Inserindo grupos de fatores:

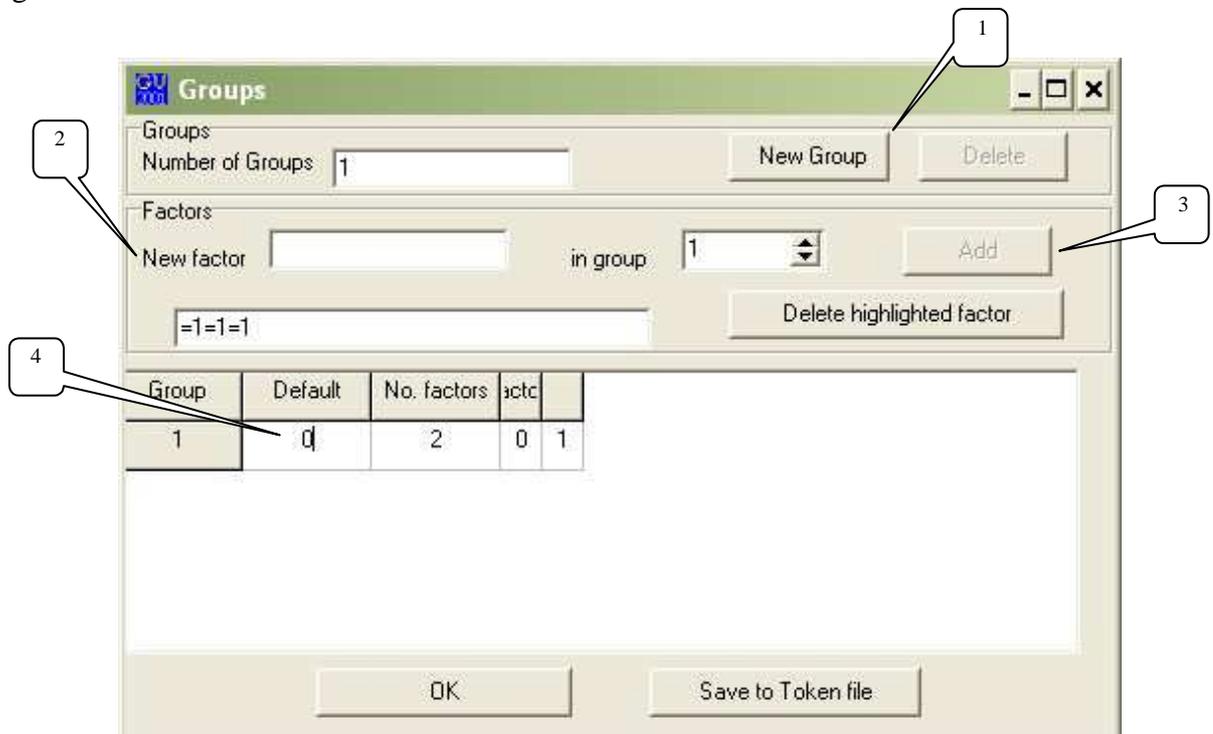
Para visualizar a janela *Groups*, vá para a janela página principal e clique em:

View > Groups



Para inserir novos grupos de fatores, siga os seguintes passos:

Janela group: clique em **NewGroup** (1)>clique no número do grupos > na caixa **New Factor** (2) digite os fatores > clique em **add** (3)> no campo **Default** (4) digite o fator considerado base.



Repetir com cada grupo de fatores. Ao final teremos a planilha toda preenchida:

Group	Default	No. factors	actc							
5	1	8	1	2	3	4	5	6	7	8
6	m	2	f	m						
7	a	3	a	b	c					
8	2	2	1	2						
9	r	2	r	u						

Ao terminar clique em >**save to tokens file** >**ok**

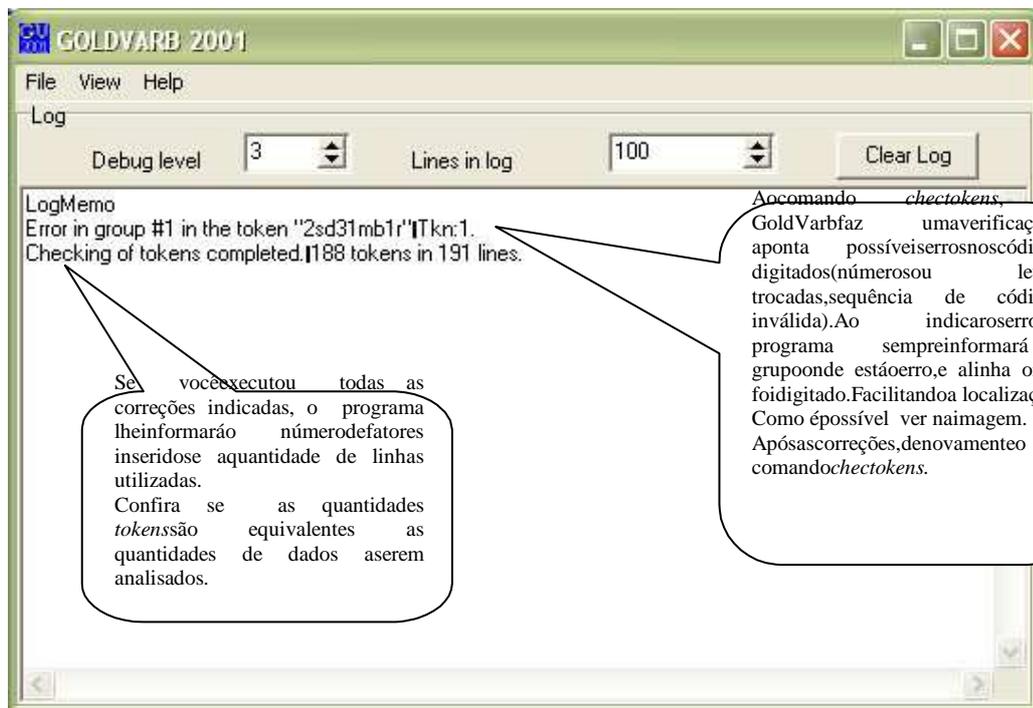


Conferindo fatores:

O GoldVarb2001 possui um comando que nos permite verificar se há algum erro de digitação na sequência de códigos.

Para realizar a verificação vá na janelaToken clique em **Action>No Recod**

Na janela Token clique em **action>check tokens**



Resultados:

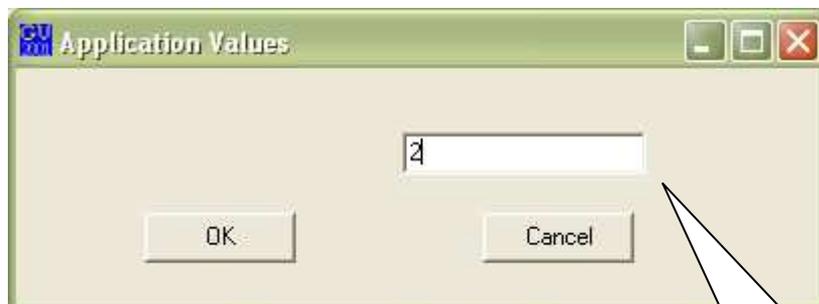
Uma vez digitados os grupos e os fatores, vamos para os comandos que definirão os primeiros resultados da análise quantitativa:

Na janela principal clique em **View > Results**, mais uma janela será aberta:



Na janela Results clique em **Action>Load cell to memory**

O programa lhe solicitará que informe o valor de aplicação.



* Para este exercício nosso valor de aplicação é 2
>digite 2> clique ok

O valor de aplicação define qual das variedades estudadas é nossa hipótese de "preferência dos falantes". Neste caso, nossa hipótese é que a maioria dos falantes tende à troca $l \sim r$, assim marcamos o código 2 como nosso valor de aplicação.

Três resultados aparecerão:

1° Cells



2º Conditions

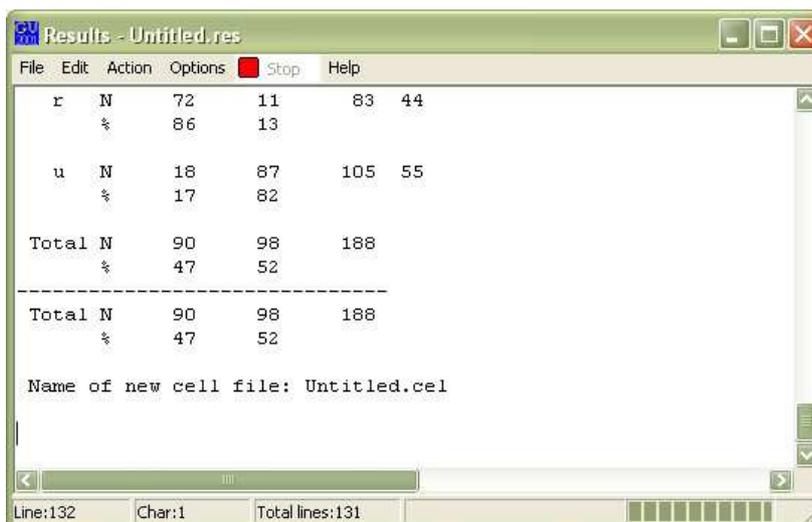


```

Conditions - Untitled.cnd
File Edit Action Stop Help
(
; Identity recode: All groups included as is.
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
(7)
(8)
(9)
)
Line:15 Char:3 Total lines:13 Action

```

3º Results



```

Results - Untitled.res
File Edit Action Options Stop Help
r N 72 11 83 44
% 86 13
u N 18 87 105 55
% 17 82
Total N 90 98 188
% 47 52
-----
Total N 90 98 188
% 47 52
Name of new cell file: Untitled.cel
Line:132 Char:1 Total lines:131

```

Salve todas as janelas clicando em **File > Salve as...**(direcione para a pasta do exercício).

Após salvar, minimize as janelas Cells e Conditions, pois não as usaremos neste momento. Aproveite para minimizar as janelas Tokens e Groups.

Se preferir, copie todo o conteúdo da janela Results em um arquivo de texto (Word ou outro de sua preferência) e salve em sua pasta. Isso é uma forma de manter seguro o resultado da rodada, caso o programa feche.

Na janela Results você tem os primeiros resultados do GoldVarb, nos quais aparecem as quantidades de ocorrências e as percentagens.



Este também é um momento de corrigir possíveis erros >**Recodificação**.

A Recodificação faz-se necessária quando algum erro acontece com os dados lançados no programa. Uma vez que o GoldVarb analisa dados de ocorrências *versus* não-ocorrência, quando algum grupo não apresenta ocorrências (0%) ou todos os dados correspondem ao mesmo grupo (100%) devemos fazer alterações, corrigindo os problemas, para que o programa possa continuar as análises. São dois problemas comuns nas rodadas do programa: *KnockOut* e *Singlet on Group*.

KnockOut ou *nocaute* é uma terminologia de análise do GoldVarb (também utilizada em todos os programas da série VarbRul), “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY e ZILLES,2007, p.158). O nocaute é um problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que um grupo de fatores é zero, não há variação e o programa não tem como *que* exprimir pesos e frequências.

Group	Apps	apps	Total	Non-
				%

1 (2)				
a	N	0	7	7 3
	%	0	100	* KnockOut *
s	N	71	80	151 82
	%	47	52	
v	N	14	11	25 13
	%	56	44	
Total	N	85	98	183
	%	46	53	

2 (3)				
d	N	60	66	126 68
	%	47	52	

Neste exemplo, temos um *KnockOut* pois encontramos frequência 0% para/l/e para/r/.

Assim, quando obtemos um nocaute nos resultados, significa que, para um determinado fator, não há seu par opositor nos dados colhidos dos informantes. Por exemplo: ocorreram 7 nomes com presença de -r, porém nenhum nome com ausência.

Single ton Group é uma terminologia utilizada pelo GoldVarb para indicar a ocorrência de um único fator dentro do grupo de fatores, ou seja, significa que na tabela Groups, há um grupo de fatores com somente um código na coluna Factors.

The screenshot shows the GoldVarb Results window with the following data:

Group	Apps	apps	Total	Non- %
Application value(s): z				
Total no. of factors: 22				

1 (2)				
s	N	71	80	151 100
	%	47	52	* Singleton Group *
Total	N	71	80	151
	%	47	52	

2 (3)				
d	N	50	55	105 69
	%	47	52	
t	N	21	25	46 30
	%	45	54	

A callout box points to the text '* Singleton Group *' with the following text: "Neste exemplo, temos a ocorrência de um Singleton Group, pois para o grupo (2) só ocorreram substantivos (s)."



Como corrigir: Você tem duas possibilidades para correção: acrescentar um dado fictício no grupo de fatores nulo somente para que o programa prossiga adequadamente, ou excluir todo o grupo de fatores em questão, uma vez que não apresentaram variação. Independente da escolha, esta deverá ser citada em seu trabalho e justificada, em uma nota de rodapé ou no corpo do texto. Isso dá transparência e credibilidade ao seu trabalho.

Corrigidos os problemas, vamos para a segunda etapa dos resultados:

😊 **Cross Tabulation:**

Na janela Results clique em **Action>CrossTabulation**, a seguinte janela abrirá:

Cross-tabulation

Recoded Group 1: 1 Original Group: 2

Recoded Group 2: 2 Original Group: 3

Output Format:

Text Grid

OK Cancel

Clique em **>Text** (1ª opção) depois clique em **ok**. Os resultados Cross Tabulation aparecerão na própria janela Results.

Results - C:\Documents and Settings\Diana Pilatti\Desktop\Aula GoldV...

File Edit Action Options Stop Help

	s	%	v	%	a	%	.	%
d 2:	50	48:	10	62:	4	44	64	49
-:	55	52:	6	38:	5	56	66	51
::	105	:	16	:	9		130	
t 2:	21	46:	4	44:	1	33	26	45
-:	25	54:	5	56:	2	67	32	55
::	46	:	9	:	3		58	
• 2:	71	47:	14	56:	5	42	90	48
-:	80	53:	11	44:	7	58	98	52
::	151	:	25	:	12		188	

Line:153 Char:1 Total lines:152

Salve os dados clicando em **Salve**.



Mais uma vez fica a dica: Para facilitar a leitura dos resultados posteriormente, é importante salvar os resultados em um arquivo de texto (Word, Writer ou outro de sua preferência).

Se você gosta de atalhos pode proceder da seguinte forma: Na janela Results e dê o comando Ctrl+A, para selecionar todos dos resultados, e dê o comando Ctrl+C para copiar. Abra um arquivo de texto e dê o comando Ctrl+V, para colar os resultados copiados.

Salve o documento na pasta do exercício, não precisa fechar, pois vamos salvar todos os resultados neste documento.

A análise Cross Tabulation permite duas opções de visualização. Vamos a segunda opção:

Na janela Results clique em **Action > Cross Tabulation**



Depois clique em **> Grid** (2ª opção) e **ok**.

Cross tabulation results

File Edit View

Source

Cells file: otacismo_exercicio1.cel Conditions file: C:\Documents and Settings

Group	1	s	s	v	v	a	a	Total	Total
2	App Value	Count	%	Count	%	Count	%	Count	%
d	2	50	48	10	62	4	44	64	49
d		55	52	6	38	5	56	66	51
d	Total	105		16		9		130	
t	2	21	46	4	44	1	33	26	45
t		25	54	5	56	2	67	32	55
t	Total	46		9		3		58	
Total	2	71	47	14	56	5	42	90	48
Total		80	53	11	44	7	58	98	52
Total	Total	151		25		12		188	

Uma novajanelaseabriráparamostraraos resultados. Observequeésoamenteaformadevisualização quemuda, os resultados permanecem os mesmos.

Para salvar a segunda versão da tabela Cross Tabulation, pressione a tecla Ctrl+Alt+Print Screen, maximize o arquivo de texto, cole a imagem na sequência dos dados e salve. (Feche a janela Cross Tabulation Grid).

🕒 Até esta etapa, o GodVarb2001 apresentou resultados referentes ao número de ocorrências e às percentagens do fenômeno linguístico que estamos estudando. As próximas duas etapas de análise nos apresentarão resultados referentes ao *input*, *peso relativo* e *grupos favoráveis* a ocorrência do fenômeno estudado.

😊 Análise Binomial:

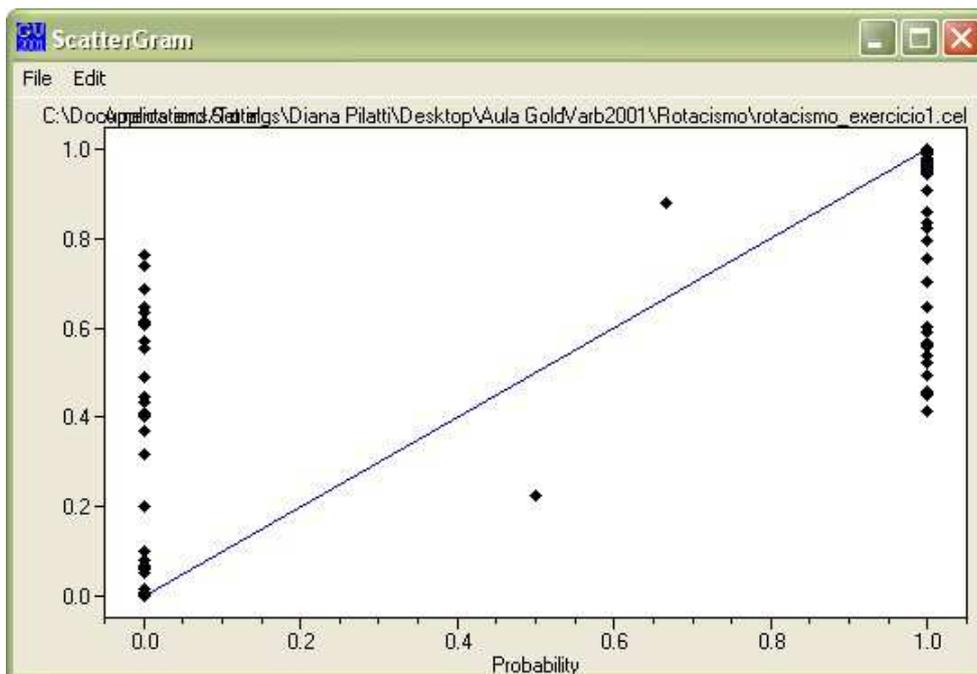
Na janela Results clique em **Action>BinomialLevel1**. Dois resultados aparecerão na tela, um em forma de texto e outros em forma de gráfico, *ScatterGram*, com as probabilidades de ocorrências para cada grupo de fatores. Ambos devem ser salvos com os demais resultados:

Binomial Varbrul

File Edit Action Stop Close Help

Data			Resources
at47fc1u	2	0	0,000
ad37mc2u	1	0	0,319
ad37mc1u	1	0	0,002
ad37mb1r	1	1	0,907
ad37fb2r	1	1	0,994
ad37fb1u	1	0	0,001
ad37fa2u	1	1	0,862
ad32fc1u	1	0	0,000
ad32fb1u	1	0	0,005
ad32fa2u	1	1	0,970
Total Chi-square = 57,1876			
Chi-square/cell = 0,4468			
Log likelihood = -41,508			

Line:1 Char:1 Total lines:180 Action



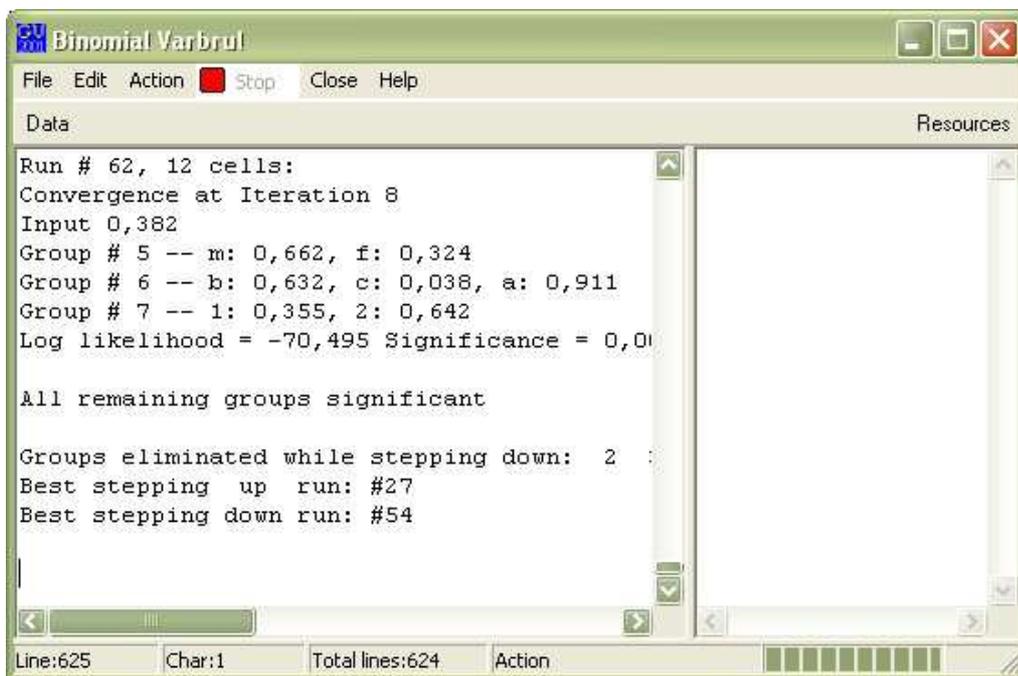
Novamente clique na janela Results, de o comando Ctrl+A para selecionar os resultados, de o comando Ctrl+C para copiar, vá para o arquivo de texto onde salvamos os resultados anteriores e de o comando Ctrl+ para colar. Salve o arquivo.

Para salvar o gráfico, pressione a tecla Alt+PrintScreen, vá para o arquivo de texto e cole a imagem e salve.

Função Stepup&down

A opção *step* testa a significância de cada grupo de fatores, fornecendo informações sobre os “melhores” grupos (GUY & ZILLES, 2007, p.164), ou seja, aqueles que favorecem a presença do fenômeno linguístico estudado.

Para rodar a função *step*, vá para a janela Results, clique em **Action>Binomial up&down**, os seguintes resultados aparecerão:



```

Binomial Varbrul
File Edit Action Stop Close Help
Data Resources
Run # 62, 12 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0,382
Group # 5 -- m: 0,662, f: 0,324
Group # 6 -- b: 0,632, c: 0,038, a: 0,911
Group # 7 -- 1: 0,355, 2: 0,642
Log likelihood = -70,495 Significance = 0,01
All remaining groups significant
Groups eliminated while stepping down: 2
Best stepping up run: #27
Best stepping down run: #54
Line:625 Char:1 Total lines:624 Action

```

Clique na janela Binomial Varbrul, de o comando Ctrl+A para selecionar, de o comando Ctrl+C para copiar, vá para o arquivo de texto e de o comando Ctrl+V para colar. Salve o arquivo.

Ainda na janela Binomial Varbrul, clique em File>Salve as...



Ao final, você terá todos os dados com base na análise quantitativa do GoldVarb 2001, agora basta interpretá-los e escrever a análise qualitativa.

Bons Estudos!

Referências

GUY, Gregory R. e ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa– instrumento de análise*. São Paulo:ParábolaEditorial, 2007.

RAND, David. &SANKOFFD avid. *GoldVarb: A variablerule application for Macintosh*. Manual on-line, 1990. Disponível em <<http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/GoldVarb/GoldManual.dir/index.html>>, acesso em 22.07.2009.

ROBINSON,John;LAWRENCE,Helen&TAGLIAMONTE,Sali.*GoldVarb2001:A Multivariate Analysis Application for Windows*.User’smanual.October 2001. Disponível em <<http://courses.essex.ac.uk/lg/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>>acesso em 22.07.2009.

Base de dados:

CAZAROTTO,Suely Aparecida; ONOFRE, DianaPilatti. *Rotacismo: em final de sílaba, no interior da palavra: um estudo do comportamento linguístico de falantes da cidade de Angélica–MS*. [Comunicação]CPAN/UFMS:Corumbá/MS,II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

Sugestões de Leituras:

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

MOLLICA,MariaCecília,BRAGA, Maria Luiza.(orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo:Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos.*Para compreender Labov*. 2. ed. Petópolis, RJ:Vozes, 2000.

TARALLO, Fernando.*A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo:Ática, 1999.

APÊNDICE

Tabelas com transcrições fonéticas das oralizações da fricativa palatal [ʃ]:

Informante 01

Palavra	Pronúncia do informante
Acertar	/aseʃta/
Carteira	/kaʃtêrə /
Certeza	/seʃtêzə/
Certo	/seʃtu/
Morto	/moʃtu/
Morta	/moʃtə/
Parteira	/paʃtêrə/
Participar	/paʃtisipa/
Perto	/peʃtu/
Pertinho	/peʃtĩm/

Informante 02

Palavra	Pronúncia do informante
Carteira	/kaʃtêrə /
Cartão	/kaʃtãw/
Certo	/seʃtu/
Cortar	/koʃta/
Lagarta	/lagaʃtə/
Porta	/pɔʃtə/
Pertinho	/peʃtĩm/
Quarta	/kwaʃtə/
Roberto	/hobeʃtu/

Informante 03

Palavra	Pronúncia do informante
Cartão	/kaʃtãw/
Cortar	/koʃta/

Parteira	/paʃtêrə/
----------	-----------

Informante 05

Palavra	Pronúncia do informante
Aberto	/abɛʃtɔ/
Cartão	/kaʃtãw/
Certo	/sɛʃtɔ/
Cortando	/koʃtãũ/
Cortou	/koʃtɔ/
Corte	/koʃtɪ/
Porta	/pɔʃtə/
Perto	/pɛʃtɔ/
Quarto	/kwɔʃtɔ/
Sorte	/sɔʃtɪ/

Informante 06

Palavra	Pronúncia do informante
Perto	/pɛʃtɔ/

Informante 09

Palavra	Pronúncia do informante
Certo	/sɛʃtɔ/
Corte	/koʃtɪ/
Divertimento	/adiviʃti'mẽtɔ/
Forte	/fɔʃtɪ/
Morte	/moʃtɪ/
Particular	/paʃtikɔ'la/
Parteira	/paʃtêrə/
Parte	/paʃtɪ/
Pertinho	/pɛʃtĩm/

Informante 10

Palavra	Pronúncia do informante
Certo	/seʃtu/
Cortar	/koʃta/
Forte	/foʃti/
Importa	/ĩpoʃtə/
sorte	/soʃti/

Informante 11

Palavra	Pronúncia do informante
Certo	/seʃtu/
Cortar	/koʃta/
Morto	/moʃtu/
Morte	/moʃti/
Pertinho	/peʃtĩm/
comportamento	/kõmpoʃta' mẽtu /

Informante 14

Palavra	Pronúncia do informante
Acertar	/aseʃta/
Carteira	/kaʃtêrə /
Cartão	/kaʃtãw/
Cartãozinho	/kaʃtãw' zĩ
Certeza	/seʃtêzə/
Certo	/seʃtu/
Corte	/koʃti/
Cortar	/koʃta/
Comportamento	/kõmpoʃta' mẽtu /
Divertimento	/diviʃti' mẽtu/
Entreter	/ĩtẽʃte/
Importo	/ĩpoʃtu/
Morto	/moʃtu/
Parte	/paʃti/
Pertinho	/peʃtĩm/

Porta	/pɔʃtə/
Quarto	/kwaʃtɔ/
Quarta	/kwaʃtə/
Sorteio	/sɔʃtej/

Informante 15

Palavra	Pronúncia do informante
Carteira	/kaʃtêrə /
Certeza	/seʃtêzə/
Certo	/seʃtɔ/
Cortar	/koʃta/
Cortei	/koʃtej/
Cortado	/koʃtadɔ/
Descoberto	/diskɔbɛʃtɔ/
Furtuoso	/fuʃtuozɔ/
Lagarta	/lagaʃtə/
Morto	/moʃtɔ/
Participar	/paʃtisipa/
Perto	/peʃtɔ/